

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

FACULDADE DE JORNALISMO

ALANIS DE PÁDUA FERREIRA MANCINI

LUCA RIBEIRO GUERRA

VINICIUS DE SOUZA BRAGA

RELATÓRIO TÉCNICO

**PRÓXIMA PARADA: ESTAÇÃO SARAU - A LITERATURA PERIFÉRICA NOS
SARAUS CULTURAIS NA RMC**

CAMPINAS

2023

ALANIS DE PÁDUA FERREIRA MANCINI

LUCA RIBEIRO GUERRA

VINICIUS DE SOUZA BRAGA

RELATÓRIO TÉCNICO

**PRÓXIMA PARADA: ESTAÇÃO SARAU - A LITERATURA PERIFÉRICA NOS
SARAUS CULTURAIS NA RMC**

**Relatório técnico da produção jornalística apresentado
à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA
APLICADA AO PROJETO EXPERIMENTAL da
Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como
exigência parcial para aprovação na referida
disciplina, sob orientação da Prof. Dra. Maria Lúcia
Jacobini**

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

070.4 G934p	Guerra, Luca Ribeiro Próxima parada: estação sarau - a literatura periférica nos saraus culturais na RMC / Luca Ribeiro Guerra, Alanis de Pádua Ferreira Mancini, Vinicius de Souza Braga. - Campinas: PUC-Campinas, 2023. 101 f.: il. Orientador: Maria Lúcia Jacobini. TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023. Inclui bibliografia. 1. Jornalismo - Aspectos sociais. 2. Periferias urbanas - Saraus culturais. 3. Literatura Periférica - Periféria - Reportagem. I. Jacobini, Maria Lúcia. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. III. Título. 23. ed. CDD 070.4
----------------	---

Sumário

Introdução.....	4
Capítulo 1 – Pré-produção.....	5
1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico.....	5
1.2 Modalidade.....	8
1.3 Justificativa.....	10
1.4 Processo de apuração.....	11
1.5 Seleção de fontes.....	15
Capítulo 2 – Desenvolvimento da produção jornalística.....	20
2.1 Desenvolvimento da produção.....	20
2.2 Processo de edição.....	23
2.3 Projeto/proposta de divulgação.....	27
2.4 Custos e gastos.....	28
Referências.....	30
Relatório Individuais.....	63
Anexos	

Introdução

O tema deste Projeto Experimental para a conclusão do curso de Jornalismo consiste na literatura periférica como instrumento de voz para a periferia, focando nos espaços em que ela se encontra dentro da Região Metropolitana de Campinas. Entre esses ambientes temos por exemplo, os únicos três saraus com caráter periférico da região, o *Parada Poética*, que tem duas edições, uma em Nova Odessa e outra em Hortolândia, e o *Sarau da Dalva*, em Campinas. A partir deles, abordamos outros ambientes dessa literatura, como dentro de uma escola estadual em Hortolândia.

Os saraus funcionam como um lugar de resistência e liberdade para a população periférica, que foi historicamente marginalizada da sociedade, sofrendo com a desigualdade social, violência policial, preconceito de classe e descumprimento de seus direitos básicos. Para lutar contra isso, surge uma literatura feita por pessoas da periferia para a periferia, a literatura periférica. O gênero se desenvolve e começa a se difundir dentro das periferias do Brasil e, com isso, os autores periféricos encontram espaços adequados para expressar suas vozes, como os saraus, as escolas e até mesmo instituições sociais.

Por isso, o nosso trabalho teve por objetivo principal retratar o contexto da literatura periférica na Região Metropolitana de Campinas, ressaltando as realidades e vivências dos autores e público do gênero que frequentam esses ambientes. O conteúdo é apresentado em uma reportagem multimídia, utilizando os recursos disponíveis nesse formato para destacar os aspectos do tema que se sobressaem, como a poesia e a música.

Dentro da *Próxima Parada: Estação Sarau*, que pode ser acessada através do link: <https://literaturaperiferica.com.br/>, debatemos como essa literatura se apresenta como forma de expressão e resistência da periferia e a sua importância para a representatividade social da população desfavorecida e das classes sociais marginalizadas, enfrentando preconceitos e a elitização da literatura. O público-alvo são as pessoas que se interessam por literatura, poesia e arte, e que queiram valorizar sua cultura e seus espaços, e possivelmente apresentar o gênero para quem não a conhece. Também consideramos a importância de levar o tema para as pessoas de fora da periferia, para entenderem sobre o tema, e se conscientizarem sobre as dificuldades vividas por essa população, promovendo a desconstrução de estigmas.

Para tanto, o presente relatório apresentará o histórico da literatura periférica e dos meios para melhor entendimento acerca da temática, o recorte jornalístico usado na reportagem, o porquê do uso do formato multimídia, além de contar passo a passo a apuração dos fatos, a escolha das fontes e o processo de produção do projeto. Por fim, apresentaremos o plano de divulgação da reportagem e os gastos necessários para realização do trabalho.

Capítulo 1 - Pré-Produção

1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico

Em meados dos anos 70, um novo movimento surgiu no meio literário: a literatura “marginal”. Nesse gênero, jovens questionaram as formas tradicionais de produção literária no país, desconstruindo a forma de escrita, os temas abordados e a linguagem tradicional, ou seja, todo o modelo editorial da época. Por isso, esses autores, chamados também de “geração do mimeógrafo” - a tecnologia usada por eles em suas produções -, começaram a ser considerados “revolucionários” e formaram um forte movimento de contracultura, em que a juventude, e outras vozes não ouvidas, passaram a se expressar e a contar suas histórias. A importância dessa literatura também se dá por conta do enfrentamento que propõe no contexto da época, quando a ditadura militar comandava o Brasil de forma autoritária e violenta, estabelecendo forte censura no mercado editorial e nos veículos de imprensa, com a publicação do Ato Institucional 5, o AI – 5 (Nóbrega, 2021).

Já nos anos 90, a palavra marginal começou a ser usada com outra conotação, para indicar aqueles que vivem nas margens da cidade, nas periferias. Assim, nasceu a literatura periférica como um braço da marginal, um espaço e instrumento de expressão para a população fora do eixo territorial hegemônico brasileiro, tradicionalmente ligado às áreas nobres da cidade, que por sua vez dominam a produção editorial no país. Os autores periféricos escrevem para pessoas da periferia, compartilhando vivências e histórias que dialogam com essa população. O gênero ganha força, principalmente, a partir dos anos 2000, tal literatura traz um olhar interno sobre a periferia, mostrando a cultura para além dos centros (Bergamin, 2022, p. 1).

Bergamin (2022) destaca que os temas passam de gritos da juventude, nos anos 70, para os problemas sociais enfrentados pela população periférica, como a pobreza, violência policial e a falta de políticas públicas, além da valorização da cultura afro-brasileira, do hip hop e das favelas. A literatura periférica, assim como a marginal, utiliza a linguagem fora da

norma vigente, além de novas formas de escrita, mantendo o caráter de contracultura. Dessa forma, não é incorreto se referir à periférica como sendo marginal, pois ela ainda o é, mas com um objetivo diferente. Bergamin também ressalta:

A literatura periférica é sobre levar histórias, poesias, peças de teatro e declamações para onde quase não há incentivo para tal e levar o mesmo dali para outros espaços para mostrar que ela existe e está acontecendo. É sobre o cotidiano, o que acontece ou deixa de acontecer, a violência, o amor, a desigualdade, os sonhos. Sobre as pessoas e a partir delas mesmas. Também é sobre reivindicar espaços de cultura (Bergamin, 2022, p. 3).

Autores de destaque começaram a ser reconhecidos, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, metrópoles que sofrem com o problema da urbanização desigual e da marginalização da camada da população mais pobre. Entre eles, nomes como Carolina Maria de Jesus, a primeira escritora periférica, com sua maior publicação sendo *Quarto de Despejo* (com registros de seus diários, nos quais descreve a vivência das favelas); Ferréz¹, autor de *Capão Pecado*; e Sérgio Vaz², que escreveu o *Manifesto da Antropofagia Periférica*.

Esses autores e poetas periféricos, que buscam desconstruir tal cenário de exclusão, enfrentaram e ainda enfrentam sérios desafios, assim como nos outros âmbitos da sociedade: a desigualdade para conseguir publicar suas obras e se expressar, distantes da possibilidade de publicação em grandes editoras, como evidenciado por uma pesquisa organizada pelo Itaú Cultural e o Instituto Pró-Livro em setembro de 2020, a quinta edição da *Retratos da Leitura no Brasil*³, que traçou um perfil dos leitores brasileiros. Nas faixas D e E, o número de leitores se manteve praticamente estável, de 40%, no estudo de 2019, para 38% em 2020. A porcentagem entre os da classe A diminuiu, mas segue mais alta: de 76% para 67% no mesmo período. A coordenadora do Instituto Pró-Livro, Zoara Failla, afirmou que “existe uma desigualdade abissal que faz as camadas economicamente desfavorecidas não terem o livro como produto de primeira necessidade”.

A saída para esse problema é a criação de editoras com selos independentes, feitas pelos próprios autores periféricos. De acordo com o levantamento realizado pela jornalista e pesquisadora Jéssica Balbino⁴, ao menos no eixo Rio-São Paulo, há cerca de 20 pequenas editoras e selos nas periferias surgidos na última década, como forma de superar esse gargalo.

¹ Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa280342/ferrez>. Acesso em: 15 mai 2023.

² Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa369605/sergio-vaz>. Acesso em: 15 mai 2023.

³ Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/um-perfil-do-leitor-brasileiro/>. Acesso em: 12 maio 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/literatura-periferica/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

Além das próprias editoras, o lugar em que esses escritores podem se expressar e divulgar seus trabalhos são os **saraus culturais**, presentes também na Região Metropolitana de Campinas.

Os saraus aparecem no Brasil no século XIX, como um meio de descontração para membros da aristocracia e da burguesia, seguindo o modelo criado na França, de reuniões noturnas com o compartilhamento de literatura, música e bebidas⁵. Após sua popularização no Rio de Janeiro, muito influenciada pela corte de Dom João I, os encontros se espalharam para outras regiões do país, mas uma característica se manteve presente até a atualidade, que é o caráter elitizado, ou seja, em sua maioria, são direcionados para classe média alta e a classe alta. Com a popularização da literatura periférica, no começo do século XXI, os trabalhadores começam a se apropriar desses eventos, para que suas vozes sejam ouvidas.

Esses eventos começaram na Região de Campinas, na primeira década dos anos 2000, sendo realizados em diversas cidades em datas preestabelecidas e buscam valorizar a arte e produção cultural dessas respectivas cidades. Para Renan Gomes, idealizador de um sarau na Região Metropolitana de Campinas, o *Parada Poética*, e pesquisador da literatura periférica, o sarau é uma ressignificação da periferia a partir de um território que antes era da elite. Em sua tese de doutorado, “O relevo da voz: um grito cartográfico dos saraus em São Paulo”, destaca:

Assim, acreditamos que para quem fez da arte um assalto, o espaço nunca foi mero palco, foi condicionante, determinante e influente, agindo como antepassado, e às vezes como antecedente. As vozes que agora ganham relevo, inscrevem sua poesia na geografia da cidade, um grito de atrito entre a marginalidade e o reconhecimento (Gomes, 2019, p. 31).

Identificamos dois saraus na região: o *Sarau da Dalva* e o *Parada Poética*, que têm características diferentes, tanto em sua realização e organização quanto em relação ao seu público. Enquanto o primeiro é realizado dentro de um bar em Campinas, o *Estrela Dalva*; o *Parada Poética* se divide em duas edições, uma em Nova Odessa, outra em Hortolândia, com diversas diferenças entre si, as quais serão abordadas no tópico 1.4 deste relatório.

O recorte do projeto experimental é apresentar para o público, por meio dos espaços onde a literatura periférica é presente na Região Metropolitana de Campinas, como é a organização desses espaços, apresentar quem são os leitores e produtores desse gênero literário, que consome os livros, e mostrar a importância dessas obras para essas pessoas. Também expomos como essa literatura e os saraus se apropriam de uma cultura que era

⁵ Disponível em: <https://arararevista.com/voce-sabe-o-que-e-sarau/>. Acesso em: 9 maio 2023.

elitizada, lutando contra os estigmas que marcam as populações dessas regiões e pregando pela mudança social por meio da leitura e da valorização dos modos de vida e das resistências dos sujeitos marginalizados. Por fim, debatemos como esse movimento influencia na vida dos seus escritores e dos seus leitores e age de forma transformadora em uma sociedade que tradicionalmente não dá espaço para os grupos periféricos.

Assim, com nossa reportagem, valorizamos as histórias de vida e as experiências individuais de cada autor ou participante. Para tanto, conversamos com organizadores dos saraus e pesquisadores do gênero literário, pesquisadores da literatura periférica para entender a diferença entre literatura periférica e marginal, além de mapear todo o processo histórico e social de como esse gênero nasceu e evoluiu. Para destacar a importância e explicar o impacto que o gênero periférico e os espaços têm, tanto para a população da periferia quanto para a visibilidade da periferia fora desse eixo, entrevistamos diversas fontes. Dentro dos saraus, os organizadores e os participantes destacaram todo o processo de criação, organização e o cotidiano dos eventos, que escolhemos expor no texto e em um vídeo. Em uma escola, entrevistamos professores e alunos para relacionar a literatura periférica com a educação e a juventude, o que também foi dividido em texto e em um vídeo. Entrevistamos o *rapper* e escritor Genivaldo Oliveira Gonçalves, um dos maiores expoentes nacional sobre o tema e forte defensor dos saraus como espaço periférico, além de trazer temas relacionados ao movimento *Hip-Hop*, em que foi pioneiro. Por fim, contamos a história de uma poetisa que usa esse gênero literário para salvar vidas de jovens da periferia que querem sair da vida do crime ou do abuso de drogas.

1.2 Modalidade

A modalidade escolhida para o trabalho foi a reportagem multimídia, utilizando o texto no formato *long-form*, fotografias, áudios e vídeos, recursos que se adequam ao nosso tema, principalmente se considerarmos esse tipo de texto como sendo uma narrativa que especializa os aspectos necessários para a produção de uma mensagem jornalística, além de aprofundar e humanizar o texto jornalístico, em que combina os elementos multimídia que auxiliam no desenvolvimento da narração (Costa, 2011).

O *long-form* surge como uma forma de explorar possibilidades de navegação e uma leitura mais imersiva (Longhi, Winkes, 2015). Ainda segundo a autora, a reportagem que se constrói por meio de conteúdos multimídia combina diferentes linguagens, como entrevistas, documentários ou infográficos, criando um novo gênero de webjornalismo.

Definimos tais produtos (reportagem multimídia) como formatos noticiosos hipermidiáticos, ou seja, aqueles produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contêm as características de multimídia, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da linguagem hipermídia e do ambiente digital e online de informação (Longhi, Winkes, 2015, p. 6).

O webjornalismo é entendido como o jornalismo feito e difundido para a *web*. Canavilhas (2003) define webjornalismo como sendo aquele realizado na *World Wide Web*, uma parte específica da Internet onde a troca de conteúdo e informações ocorre por meio de interfaces gráficas (Cavalcanti, 2013, p. 21). Ou seja, o ambiente *web* proporciona novos meios e suporte para o jornalismo, que passa a lidar com novas formas de produção de conteúdo e novas audiências.

Segundo Castells (2011) a nova forma de comunicação tem sua origem na transição permitida pelos novos suportes, já que os antigos não permitiam a convivência da comunicação um para um e a comunicação um para todos. Já com a evolução da internet, não só conseguimos nos comunicar com amigos e ler notícias veiculadas nos grandes portais, mas podemos, através de nossas redes, estabelecer uma comunicação com alcance potencialmente infinito. O jornalismo realizado na web, que aqui convencionamos chamar de webjornalismo, passa a ter que lidar com uma série de possibilidades advindas das novas tecnologias e, ao mesmo tempo, lidar com uma nova audiência. A atualização contínua possibilitada no webjornalismo, por exemplo, permite que o produto jornalístico esteja em constante atualização (Cavalcanti, 2013, p. 13).

Essa escolha justifica-se também pela lógica da convergência, em que a experiência multimídia permite o melhor uso de todas as mídias (Jenkins, 2008), além de propiciar ferramentas para nos aprofundarmos no tema, usando diferentes recursos visuais para contar as histórias apuradas, facilitando a comunicação com o público. Afinal, um aspecto fundamental da comunicação contemporânea está na capacidade de ela se realizar nas intersecções entre as linguagens (Beigelman, 2003). Dito isso, a reportagem multimídia nos permitiu trazer vídeos dos saraus e das poesias faladas e cantadas, áudios das fontes, como especialistas, com dados quantitativos e uma linha do tempo

Diante disso, nossa reportagem é dividida através de intertítulos pelas sub-pautas, com o foco nos autores da literatura periférica, bem como os organizadores dos saraus e seus participantes, que são ainda leitores dessa produção literária. O site não conta com abas, e sim

com uma estrutura de texto corrido, em que diferentes pautas, com textos, vídeos, áudios, fotos aparecem, conforme o usuário roda a página para baixo.

1.3 Justificativa

No Brasil, a literatura periférica ganhou força a partir dos anos 2000, como mostramos em nossa introdução. Então buscamos, através do trabalho, entender essa expressão artística, de acordo com o contexto social e político em que os sujeitos periféricos que a produzem e a consomem estão inseridos. Para também contribuir para o entendimento da diversidade artística e esferas de empoderamento encontradas em algumas periferias da Região Metropolitana de Campinas

Além disso, considerando que a população periférica no Brasil, historicamente, tem pouca representatividade em diversas esferas da sociedade, nosso tema se torna relevante por abordar a resistência de quem se localiza “na margem da sociedade” e encontra como um de seus locais de fala e escuta na literatura dos saraus. Segundo o Caderno da Periferia Brasileira de Letras⁶, realizado em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz de 2022, 22,6% dos coletivos literários nas periferias brasileiras são compostos por grupos organizadores de saraus poéticos ou recitais, ficando atrás apenas daqueles que estruturam bibliotecas comunitárias. Os temas que norteiam o trabalho dos coletivos são principalmente incentivo à leitura (79,8%) e criação literária (66,7%), é claro, mas não só: a luta antirracista (61,9%), a preservação da memória local (51,2%) e a busca pelo direito das mulheres (48,8%) também aparecem como motes para a organização desses movimentos. O que mostra que os saraus são espaço importante para literatura periférica no Brasil todo, inclusive na Região de Campinas, afinal, todas as fontes entrevistadas no trabalho, exceto o poeta Genivaldo Oliveira Gonçalves, que é de fora da região, participam do *Parada Poética* e o *Sarau da Dalva*.

Esses dados também indicam que essa literatura ganha importância para a troca de experiências entre sujeitos das populações periféricas (e entre eles e outras classes sociais), por meio da exposição e do debate das dificuldades sociais enfrentadas por esses grupos, como a pobreza, a violência, a falta de políticas públicas, ou, em outras palavras, a desigualdade social.

⁶ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/caderno-periferia-brasileira-de-letras-volume-1>. Acesso em: 9 maio 2023.

Nos saraus periféricos que visitamos na região, realizados em estações ferroviárias abandonadas e bares, ocorre a união entre quem deseja falar e quem deseja ouvir sobre temas ligados à luta das periferias. Por envolver discursos, recitações, escrita, músicas e danças, se faz necessária a utilização de diversas linguagens para a construção da narrativa jornalística, como fotos, vídeos, texto e áudios, que consigam de fato explorar as diversas características dos saraus, o que justifica a nossa escolha por uma reportagem multimídia.

A reportagem multimídia permite a construção de conteúdos noticiosos em diferentes linguagens e, por isso, se destaca no cenário do webjornalismo. Ou seja, as diferentes mídias utilizadas para compor a reportagem devem contribuir de forma diversa para a construção da narrativa. Assim, como gênero, a reportagem multimídia vem se consolidando como um dos formatos mais inventivos do jornalismo online, instituindo novos gêneros expressivos (Longhi, Winques, 2015).

1.4 Processo de Apuração

O tema deste trabalho surgiu após muita dificuldade de escolha de um assunto específico, particularmente devido às dúvidas constantes sobre quais temáticas seriam viáveis de serem feitas ou aceitas pelo regulamento. Mas um enfoque que se manteve durante todo esse período inicial de desenvolvimento da Proposta de Viabilidade do Projeto foi o de um trabalho que possuisse um viés artístico, aspecto que interessa ao grupo inteiro. Então, após diversas conversas entre os integrantes, alguns foram sugeridos, mas sem sucesso. Com mais uma semana de deliberações e pesquisas, foi proposto o tema literatura periférica, inicialmente de forma bem geral. A partir disso, amadurecemos a ideia para se encaixar nas exigências do regulamento e da então professora orientadora, focando agora na Região Metropolitana de Campinas. Por fim, precisávamos de um gancho que interessasse e justificasse a escolha do tema. Com uma pré-apuração, descobrimos o espaço em que a literatura periférica se encontrava mais presente na região: os saraus.

É importante ressaltar que buscamos apenas saraus com caráter periférico, que possuem como objetivo atingir pessoas da periferia e dar espaço à literatura periférica em suas edições. Então, após mapeamento em pesquisas *online* e diálogo com diversas pessoas do ramo, inclusive organizadores desse tipo de encontro, descobrimos que na região há apenas o *Sarau da Dalva*, em Campinas e a *Parada Poética*, que acontece em duas cidades, Hortolândia e Nova Odessa. Ao longo deste relatório e de todo o processo de produção e

edição, dividimos as duas edições do Parada como dois saraus diferentes, pois possuem características próprias, apesar de carregarem a mesma ideia e nome.

Com o tema amadurecido, e algumas fontes já contactadas devido ao processo inicial de mapeamento, começamos oficialmente a apuração já em fevereiro. Primeiro, entramos em contato com os organizadores dos saraus, Renan Inquérito, do *Parada Poética* e Rafael Carvalho, do *Sarau da Dalva*. A partir deles, fomos adquirindo outras fontes personagens, pessoas que participavam dos eventos, e que eram ou consumidores, ou produtores de literatura periférica. Como parte da nossa pré-apuração, participamos do *Parada Poética*, em Nova Odessa, no dia 10 de abril, e lá conversamos com alguns indivíduos que consideramos importantes e interessantes para a reportagem e adquirimos os seus contatos. Nessa abordagem, explicamos a intenção do trabalho e estipulamos uma data de entrevista, explicando que retomariamos o contato no segundo semestre. Além disso, conhecemos a história do lugar através de quem sempre está presente, os chamados “poetas da casa”.

O *Parada* reúne cerca de 30 poetas e 90 espectadores por noite, com duração aproximada de duas horas. Lá, cada apresentação lida com a realidade do Brasil. Muitos poetas falam sobre eventos recentes, abordando assuntos que estão em pauta em áreas como política, educação e desigualdade social. No entanto, outros também declamam versos sobre amor e sentimentos – às vezes, se declarando de forma subjetiva ou lamentando sobre alguém que partiu.

Os artistas que desejam falar escrevem seu nome em uma lista, das 19h às 20h, e o microfone fica aberto das 20h às 22h. Renan Inquérito faz a mediação, chamando os poetas ao palco e interagindo com eles; às vezes cantando, dançando, recitando ou interagindo com o público pelo microfone e por um megafone. Por respeito aos moradores do centro da cidade, principalmente porque os prédios em volta são ocupados por pessoas idosas, o evento tem de acabar às 22h.

“Um sarau no meio da terra da festa do peão” foi uma frase marcante de Renan nessas mediações. Ele explicou que, quando começou a organizar o evento em um bar, as pessoas não acreditavam que daria certo, principalmente em Nova Odessa. Mas a crença dele em trazer aquela cultura de São Paulo, muito inspirado pelo sarau *Cooperifa* de Sérgio Vaz, foi o que fez tudo acontecer.

Nessa pré-apuração, vimos que esse espaço é, principalmente, onde a literatura periférica ganha vida e liberdade. Pudemos observar diversas faixas etárias, desde

adolescentes que declamavam, passando por adultos que estavam ali só para se inspirar, até idosos que se declararam os “cabeças-branca” do local.

Ainda como parte da pré-apuração, visitamos também o *Sarau da Dalva*. Nele, o cenário é mais descontraído, por não existir um “mediador”. O espaço é livre para os participantes declamarem, sem ordem, sem uma lista. Além disso, cada poeta tem a liberdade de declamar mais de uma vez, diferentemente do *Parada Poética*. O sarau é realizado em um bar, que também recebe outras atividades em outros dias e horários, como rodas de samba e exibição de jogos de futebol. Durante o evento, os organizadores também divulgaram os livros publicados pela Encruza, editora independente criada pelo idealizador do *Sarau da Dalva*, Rafael Carvalho.

Conversamos com Rafael, que nos contou sobre como foi a criação do evento e seu desenvolvimento. Falou-nos ainda sobre a relação com a comunidade, os problemas que o bar enfrentou devido à pandemia da Covid-19 e o seu retorno após o período de isolamento.

Por fim, estivemos também na edição do *Parada Poética*, realizada na cidade de Hortolândia. Lá, percebemos que há maior organização do evento como um todo. Por ter o apoio da prefeitura, o local (na estação ferroviária) e a segurança são maiores. O público, além de ser maior se comparado com o dos saraus de Nova Odessa e Campinas, é mais variado. Há pessoas mais velhas, adultos, jovens, adolescentes e crianças, não apenas da cidade, mas até de outros estados. O organizador, Renan Inquérito, por ter destaque na cena cultural da RMC no âmbito da música, contribui por atrair convidados reconhecidos no meio da literatura periférica, da poesia e da música. Nesse sentido, o espaço já contou com a presença de nomes conhecidos, como Sérgio Vaz, Ferréz, Lirinha e Emicida.

Nessas pesquisas de campo conhecemos algumas outras fontes fundamentais para o produto final. Na Parada Poética de Hortolândia foram Acácio Araújo e Bárbara Prestes, e seus alunos da disciplina eletiva “Poesia Contra Violência”, da escola estadual Guido Rosolen, na periferia de Hortolândia.

O projeto se encaixa em uma das disciplinas opcionais que os estudantes devem escolher para cumprir suas horas no ensino integral. Em 2023, teve a participação de 44 alunos e o objetivo de usar a literatura para abordar outros temas, como violência policial, racismo e machismo. Os alunos da eletiva já tiveram suas obras compiladas em dois livros, organizados e publicados pelos professores.

A eletiva foi criada por Bárbara Prestes, que presenciou diversas situações de violência dentro das escolas, entre os estudantes, e até mesmo com os professores. Depois de

criar um espaço para uma conversa sobre esses conflitos, a professora de Sociologia percebeu um engajamento dos alunos com relação à escrita, literatura e poesia. Depois que entrou na escola Guido Rosolen, teve a ideia de criar essa eletiva e teve o apoio do professor Acácio, que apoiou o projeto como parte de uma educação antirracista. O projeto leva os participantes pelo menos duas vezes todo semestre em uma excursão ao Parada Poética de Hortolândia. Lá, eles podem compartilhar seus textos e externalizar os temas discutidos dentro do projeto. Os alunos viriam a participar de duas gravações do trabalho, protagonizando uma parte da reportagem escrita, além de um vídeo sobre a eletiva.

Outra fonte importante que conhecemos foi Vanusa Passos, participante do *Sarau da Dalva*. Vanusa é poeta e escritora, e se destaca por sua carreira como pedagoga utilizando a poesia, o *hip-hop* e o grafite para ensinar seus alunos. Ela carrega um caráter erótico em suas obras, o que se destaca quando ela recita dentro do bar Estrela Dalva. Vanusa, foi entrevistada pessoalmente pelo grupo na estação de trem de Campinas, e também foi selecionada para fazer parte da reportagem, com um vídeo de uma de suas poesias.

No desenvolvimento da pesquisa para o tema, pesquisamos artigos acadêmicos sobre a literatura periférica em que são discutidos a história e a vivência da população marginalizada, de modo a estimular nesses grupos a consciência de luta e de união. A maioria reúne dados de São Paulo, o berço do gênero literário e onde vivem seus maiores autores, como Ferréz e Sérgio Vaz. O foco é nos autores periféricos e suas obras, como uma análise de caso e o impacto específico de cada obra, eles não discutem o público consumidor, não os mapeiam ou registram seus depoimentos, muitas vezes não são nem citados.

Entre eles, estudamos *Literatura Periférica: contribuições para o fazer literário e a sociedade* (2022), de Flávia Bergamin, *“Literatura marginal”: os escritores da periferia entram em cena* (2006), de Érica Peçanha, *Negra, periférica e fundamental* (2013), de Luiz Sugimoto, *Literatura Periférica em Contextos de Mídias Digitais* (2020), de João Paulo Souza e Abinalio Subrinho, *Marcos fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo* (2014), de Antonio Leite e *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo* (2013), de Tiarajú D’Andrea.

Alguns pontos que ficam claros através da leitura desses textos são que esse tipo de literatura permite uma auto valorização da periferia, em que não é dispensado o termo periférico, “porém dá a ele um significado positivo de afirmação” (Leite, 2014, p.4). Os poetas passam a usar sua escrita para construir uma consciência social para pessoas que

vivem o mesmo cotidiano que eles, ou para aquelas fora desses espaços que queiram entender como é o outro lado (Souza e Subrinho, 2020).

Nesse sentido, aprofundamo-nos também no conceito de periferia. De acordo com D’Andrea (2013), o próprio termo periferia, ao longo dos anos 2000, passou a ser entendido como local de potencialidade, principalmente na área da cultura, destacando a força dos sujeitos periféricos. Isso se deve a muitos fatores, sendo um deles a ascensão do *rap*, sobretudo do grupo Racionais MC’s. Assim, a produção artística na periferia influenciou o deslocamento do indivíduo da posição de estigma para a de orgulho. No trabalho de D’Andrea, ele diz que quando o indivíduo, com essa nova subjetividade, que nasceu da arte, age politicamente, ele é denominado como “sujeito periférico” (2013, p. 14).

1.5 Seleção de fontes

Para o trabalho, foram selecionadas 23 fontes ao todo, separadas entre os idealizadores, organizadores e participantes dos saraus; especialistas em literatura periférica; professores e alunos da escola Guido Rosolen.

Como a reportagem é desenvolvida em torno dos saraus e da literatura periférica, os primeiros selecionados e contactados foram os idealizadores dos eventos: Renan Gomes (*Parada Poética*) e Rafael Carvalho (*Sarau da Dalva*). O contato inicial foi para que houvesse um alinhamento sobre nosso objetivo com a reportagem e maior compreensão sobre como poderíamos utilizar os saraus, até mesmo para definir as pautas que iríamos abordar.

O contato introdutório com Renan foi através do *Instagram*. Além de idealizador do sarau, ele é *rapper*, geógrafo, escritor e possui uma tese de doutorado voltada ao mapeamento de saraus em São Paulo, visando mostrá-los como uma forma de resistência da periferia. Por tudo isso, Renan foi escolhido como uma fonte personagem, com a sua experiência na área da literatura periférica e na criação do sarau. Ao ser contactado, ele respondeu de forma rápida e solícita, sugerindo participarmos do *Parada* como primeiro passo para a apuração, e nos enviando um minidocumentário sobre o sarau e a sua tese - intitulada *O relevo da voz: um grito cartográfico dos saraus em São Paulo* - para maior aprofundamento no assunto.

Com Rafael Carvalho, o contato seguiu a mesma linha. Nós explicamos o projeto e fomos convidados a participar do sarau para realizarmos uma pré-entrevista com ele, pessoalmente. Rafael é o criador do *Sarau da Dalva* e da editora independente *Encruza*, além de mestrando na Unicamp, estudando a leitura da autora Carolina Maria de Jesus através do ponto de vista de empregadas domésticas, babás e lavadeiras residentes na periferia. Por seu

trabalho com o reconhecimento da literatura periférica dentro e fora da Academia e por ser idealizador de um dos saraus, ele entrou como fonte personagem.

Após participarmos dos saraus, começamos a mapear os poetas e os organizadores que poderiam fazer parte do nosso trabalho. Levantamos os nomes de Vanusa Passos, Antônio José Fernandes, Paulo Cotegipe, Marcos Aurélio, Gabriella Martins, Bruna Bueno e Maraísa Raquel, com o objetivo de entrevistá-los para o vídeo sobre os saraus.

Como dito no tópico anterior, na nossa participação no *Parada Poética*, conhecemos os professores Bárbara Prestes e Acácio Araújo, junto com alguns de seus alunos. Em uma rápida explicação do nosso projeto, pegamos o contato dos dois educadores para um aprofundamento sobre o projeto *Poesia contra violência* desenvolvido na Escola Estadual Guido Rosolen.

Em contato pelo *WhatsApp*, marcamos entrevista com Bárbara e Acácio, e pedimos para entrevistar alguns alunos participantes da eletiva e do livro *Poesia contra violência*. Para conversar sobre a importância de um espaço para escrita, a participação na eletiva e os assuntos tratados, falamos com os alunos Maria Eduarda Rocha, Davi Pinheiro, Arthur Ruta, Rafaela Macedo, Davi Nelson, Gabrielle Bueno, Samuel Britto, Giovana Fontes e Isabela Ferrarese.

Na nossa apuração no primeiro semestre do ano, pesquisamos as fontes especialistas em literatura periférica através do *Google Acadêmico*, mapeando pesquisas nesta área desenvolvidas na Unicamp e na Universidade de São Paulo (USP). Inicialmente, encontramos Mei Hua Soares, doutora em Linguagem e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) e Érica Peçanha, doutora e mestre em Antropologia Social pela USP, que aceitaram participar do nosso projeto, quando contactadas em abril de 2023, através do *e-mail*. No entanto, quando solicitamos a entrevista para a Érica em agosto, ela estava com a agenda cheia e nos disse que não conseguiria participar da entrevista, portanto indicou o Márcio Vidal, mestre em literatura periférica. Em contato com Márcio por *e-mail*, ele aceitou participar e realizamos a entrevista online, pela plataforma do *Zoom*. Com Mei Hua, também optamos pela entrevista *online*, visto que nosso objetivo com os especialistas era inserir as falas no texto e em áudios da reportagem.

Para complemento da reportagem, tínhamos a intenção de entrevistar o poeta Sérgio Vaz, um dos principais nomes da literatura periférica e criador do sarau Cooperifa em São Paulo. Em contato com sua assessoria, fomos informados que ele estava realizando a Mostra da Cooperifa, viajando pelo Brasil até o final de novembro, o que impossibilitava a realização

da entrevista. A assessoria parou de nos responder após apresentarmos algumas sugestões de datas.

Além disso, pretendíamos conversar com Ferréz também para um complemento de grandes autores da literatura periférica. Tentamos contato pelo *E-mail*, *Instagram*, *Twitter*, *YouTube*, pela própria editora dele via *WhatsApp* e com possíveis conhecidos, mas em nenhum obtivemos resposta. Até outubro, continuamos tentando contato, mas o mais próximo que chegamos foram pessoas que informaram que não havia contato com o mesmo.

Como alternativa, tentamos o cantor, compositor e ator Criolo. A assessoria respondeu em menos de uma hora afirmando que ele havia aceitado a entrevista, mas responderia as perguntas se mandássemos no e-mail, pois estava iniciando uma sequência de shows e não poderia gravar com a gente. Pensamos que seria interessante, pois poderíamos adicionar no texto da reportagem e enviamos as perguntas no e-mail. Porém, nunca mais responderam, mesmo quando tentamos contato novamente.

No entanto, outro nome muito forte para a literatura periférica é o do rapper GOG. Entramos em contato com a equipe pelo *WhatsApp* e fomos encaminhados para o produtor, que informou que ele havia aceitado participar e nos passou a agenda de *shows*, pois a entrevista teria que acontecer em São Paulo e ele mora em Brasília. Marcamos a entrevista para outubro, antes de um espetáculo em Diadema, São Paulo. GOG é rapper, cantor e escritor, considerado um dos pioneiros no movimento do *hip-hop* e na literatura periférica, e por sua vivência é um complemento para a reportagem.

Contatos

Vanusa Passos - Personagem – Contato: (19) 98133-4231

Pedagoga, poeta de literatura periférica, participante do Parada e do Sarau da Dalva.

GOG - Especialista – Contato: (61) 8404-7533 (Produtor)

Considerado o Poeta do Rap Nacional, tem 45 anos de carreira no hip-hop e é um dos pioneiros do movimento rap em Brasília, com letras que abordam temas sociais, políticos e militantes.

Antônio José Fernandes - Personagem – Contato:

<https://www.facebook.com/fernandesmaritaca?mibextid=ZbWKwL>

Lavrador, poeta e participante do Parada Poética.

Paulo Cotegipe – Personagem - Contato: @paulo_cotegipe

Professor na ONG Progen (Projeto Gente Nova), poeta e participante do Sarau Parada Poética.

Marcos Aurélio - Personagem – Contato: @marcos_geminiano

Professor de história, músico, poeta e participante do Sarau Parada Poética.

Gabriella Martins - Personagem – Contato: @gabimartins.6

Enfermeira, poeta e participante do Sarau Parada Poética.

Bruna Bueno - Personagem – Contato: preta.bueno

Organizadora do Sarau Parada Poética.

Maraísa Raquel - Personagem – Contato: @maaa_raquel

Educadora social e organizadora do Sarau da Dalva.

Arthur Ruta - Personagem

Faz parte do livro "Poesia contra violência", organizado pela professora Bárbara Prestes na Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia.

Davi Nelson - Personagem – Contato: @davinelsonc

Faz parte do livro "Poesia contra violência", organizado pela professora Bárbara Prestes na Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia.

Gabrielle Bueno - Personagem – Contato: (19) 98923-7811

Faz parte do livro "Poesia contra violência", organizado pela professora Bárbara Prestes na Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia.

Giovana Fontes - Personagem – Contato: (19) 99341-0789

Faz parte do livro "Poesia contra violência", organizado pela professora Bárbara Prestes na Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia.

Isabela Ferrarese - Personagem – Contato: (19) 98921-9686

Faz parte do livro "Poesia contra violência", organizado pela professora Bárbara Prestes na Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia.

Maria Eduarda Andrade Rocha - Personagem – Contato: (19) 99123-2764

Faz parte do livro "Poesia contra violência", organizado pela professora Bárbara Prestes na Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia. Também é participante do Sarau Parada Poética.

Rafaela Macedo - Personagem

Faz parte do livro "Poesia contra violência", organizado pela professora Bárbara Prestes na Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia.

Samuel Britto - Personagem – Contato: (19) 98945-0565

Faz parte do livro "Poesia contra violência", organizado pela professora Bárbara Prestes na Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia.

Renan Gomes - Personagem – Contato: <https://www.instagram.com/renaninquerito/>

Conhecido como Renan Inquerito, idealizador do Parada Poética, rapper, geógrafo, escritor e pesquisador sobre literatura periférica.

Rafael Carvalho - Personagem – Contato: (19) 98317-7037

Idealizador do Sarau da Dalva e criador da editora independente Encruza, além de mestrando na Unicamp estudando literatura periférica.

Bárbara Prestes - Personagem – Contato: (19) 99354-2744

Professora de geografia e sociologia da Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia, idealizadora da eletiva Poesia contra a violência e organizadora dos livros produzidos pelos alunos da escola.

Acácio Araújo - Personagem – Contato: (19) 98820-2695

Professor na eletiva Poesia contra violência na Escola Estadual Guido Rosolen de Hortolândia.

Mei Hua Soares - Especialista – Contato: meihuasoares@gmail.com

Doutora em Linguagem e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Atuou por 14 anos na rede pública estadual de São Paulo como professora efetiva. É docente do curso de Comunicação Social da Faculdade Cásper Líbero e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade do Espetáculo (CNPq). Publicou artigos e desenvolveu pesquisas sobre literatura, educação, teatro, comunicação, jornalismo e linguagem.

Márcio Vidal - Especialista – Contato: (11) 96686-8560

Mestre em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP com a dissertação: Cooperifa e a literatura periférica: poetas da periferia e a tradição literária brasileira. Realiza pesquisas em Poesia, Literatura Brasileira, Literatura Periférica e Literatura Marginal.

Capítulo 2 – Desenvolvimento da produção jornalística

2.1 Desenvolvimento da produção

Após definirmos o tema do Projeto Experimental e identificarmos as fontes que fariam parte da reportagem, iniciamos o processo de entrevistas. As primeiras foram realizadas com as fontes especialistas Mei Hua Soares e Marcio Vidal, respectivamente nos dias 22 de agosto de 2023 e 18 de setembro de 2023. Foram feitas de maneira *online*, pela plataforma *Zoom*.

O próximo passo foi de planejar a ida aos saraus, acompanhados de um cinegrafista da PUC, para gravação dos eventos em si, captação de imagens de apoio e depoimentos das fontes personagens (poetas, público, organização, etc).

Primeiramente, agendamos um cinegrafista disponibilizado pela universidade para o dia 4 de setembro (segunda-feira) para ida ao sarau *Parada Poética* de Hortolândia, que ocorre toda primeira segunda-feira do mês, das 20:00 até as 22:00. Às 19:00, iniciamos as gravações do cenário (uma estação de trem), dos organizadores finalizando os preparativos,

das pessoas chegando ao sarau, das mesas, dos enfeites e do movimento inicial. Enquanto o cinegrafista captava imagens com as câmeras modelo Sony EX3 e Sony PXW, aproveitamos para tirar fotos com a câmera disponibilizada pela PUC, modelo Canon 7D, do cenário, do público, das pessoas que recitam no palco e de todo o movimento.

Neste mesmo dia, entrevistamos Paulo Cotegipe e Marcos Aurélio, poetas e participantes, além de Bruna Bueno, organizadora do evento, todos devidamente citados no tópico "1.5 Seleção de fontes". Gravamos as entrevistas com o cinegrafista e o conteúdo foi utilizado para elaboração do texto da reportagem e vídeo "Um sarau para salvar a alma". A princípio, iríamos conversar com Renan Inquérito naquele mesmo dia; entretanto, por conta de um imprevisto da fonte, tivemos que postergar para o próximo sarau. Aproveitamos o cinegrafista para gravar desde a abertura realizada pelo Renan, até o término, com as pessoas recitando no palco, cantando e se apresentando em geral.

No dia 11 de setembro (segunda-feira), fomos ao *Parada Poética* de Nova Odessa, junto a dois cinegrafistas disponibilizados pela PUC, Francisco Silva e Alex Barbosa. De modo semelhante ao encontro anterior, captamos imagens do cenário, do início do sarau, das pessoas chegando e dos preparativos finais. Enquanto um cinegrafista filmava o evento e as pessoas recitando, outro estava conosco gravando entrevistas. Conversamos primeiro com Renan Gomes (Inquérito), idealizador e organizador. Posteriormente, falamos com as fontes Gabriella Martins e Antônio José Fernandes, ambos poetas. O cinegrafista Francisco Silva ficou responsável pela captação de imagens e das pessoas recitando, com destaque para Dinha, cujo trecho da poesia aparece no vídeo principal da reportagem.

No dia 13 de setembro (quarta-feira), fomos ao *Sarau da Dalva*. Dessa vez, utilizamos apenas um cinegrafista para captação de imagens e entrevistas. Gravamos a fala de Rafael Carvalho - idealizador e criador da editora independente *Encruza* - antes do início do evento. Posteriormente, nos preocupamos com a registrar imagens das apresentações, do cenário, da emoção do público e das pessoas que recitam. Finalizamos entrevistando Maraísa Raquel, uma das organizadoras do *Sarau da Dalva*.

Seguindo o cronograma de gravações, no dia 29 de setembro (sexta-feira) fomos à Escola Estadual *Guido Rosolen*, em Hortolândia, onde acontece toda sexta-feira a eletiva "*Poesia contra a violência*". Os professores Bárbara Prestes e Acácio Araújo nos receberam, junto ao cinegrafista disponibilizado pela universidade para realizar as gravações das entrevistas. Inicialmente, conversamos com os dois professores já aqui citados, e posteriormente os alunos participantes da eletiva: Giovana Fontes, Isabela Ferrarese,

Samuel Britto, Gabrielle Bueno, Davi Nelson, Rafaela Macedo, Arthur Ruta e Maria Eduarda Andrade Rocha.

No dia 7 de outubro (sábado), fomos à Estação Cultura, em Campinas realizar a entrevista com a Vanusa Passos, pedagoga e poeta. Dessa vez, não levamos cinegrafista, apenas uma lapela para realizar a gravação da Vanusa recitando uma poesia (gravada em vídeo), e a entrevista foi feita apenas por áudio e utilizada em texto na reportagem. Para as gravações e fotos, utilizamos um *smartphone*, da marca *Iphone*, modelo 11.

Em paralelo às gravações, iniciamos o processo de elaboração do texto escrito da reportagem. Trabalhamos com “versões prévias”, em que íamos criando um material com o que tínhamos em mãos, e corrigindo e aprimorando junto a nossa orientadora. Tivemos um pouco de dificuldade no começo do processo, principalmente porque estávamos preocupados em encontrar uma estrutura que fosse atrativa para o leitor e que estivesse relacionada à lógica dos saraus, mas que logo foi superada com o uso de recursos e nuances da própria literatura periférica, com o estilo de texto mais poético e literal.

Além disso, também produzimos ilustrações para facilitar a compreensão do leitor e agregar à estética, procurando também explorar as possibilidades da reportagem multimídia. Para o box - *História dos saraus* - pesquisamos sobre quando os saraus chegaram ao Brasil e, posteriormente, em São Paulo. Para a linha do tempo, mapeamos e listamos os autores periféricos que se destacaram no espaço de tempo de 1960 a 2021, desde Carolina Maria de Jesus até Rodrigo Ciríaco e fizemos uma sinopse de sua obra de surgimento, adicionando também suas respectivas fotos.

Já no dia 27 de outubro (sexta-feira), retornamos à escola *Guido Rosolen* para capturar mais imagens de apoio, visto que após analisarmos previamente as imagens já captadas, notamos a falta de cenas da escola, dos alunos interagindo, etc. Utilizamos novamente o cinegrafista disponibilizado pela universidade. No dia, estava ocorrendo uma palestra e isso nos ajudou com o cenário e os personagens

No dia seguinte, 28 de outubro (sábado), fomos ao que seria nosso último dia de gravação. Agendamos a retirada de duas câmeras, dois tripés e duas lapelas no Laboratório de Fotografia da PUC. Não utilizamos cinegrafista. Fomos então a Diadema, São Paulo, entrevistar GOG, rapper, poeta e escritor. Gravamos com ele no *Prade Hotel*, localizado no centro da cidade. Essa entrevista contribuiu para o conteúdo de vídeo e texto na reportagem.

2.2 Processo de edição

Por ser uma reportagem multimídia, o processo de edição envolveu etapas diferentes para cada uma das mídias utilizadas, sendo elas vídeos, áudios, fotos, texto e ilustrações, como a linha do tempo.

Optamos por inserir cinco vídeos - *Um sarau para salvar a alma*, *Poesia contra violência*, *Poetisa de zona*, *Palavras pronunciadas pelo poeta parte 1 e parte 2* -, e dois áudios - *Hip-Hop e literatura* e *Linha tênue*. Toda parte audiovisual foi gravada e editada no formato horizontal, já que a estrutura da reportagem permitia essa criação. Cada vídeo possuía um enfoque e uma minutagem diferente, portanto, priorizamos os dois maiores nas primeiras datas de edição.

Como o maior vídeo - *Um sarau para salvar a alma* - seria com as imagens das gravações dos três dias de saraus, organizamos as falas e criamos um direcionamento para o conteúdo, mesclando depoimentos dos idealizadores e dos participantes com suas poesias, sendo que as imagens de apoio de poetas recitando, da movimentação no evento e das apresentações artísticas nos ajudaram a demonstrar o que são os saraus.

A estética escolhida para a reportagem foi inspirada pelo próprio *hip-hop*, com cores fortes (vermelho, laranja e amarelo), a fonte *Futura* trazendo modernidade, intertítulos e créditos dos vídeos criativos e explorando os ícones, cores em parágrafos do texto para chamar atenção. Isso se reflete também nas músicas selecionadas para cada uma das produções audiovisuais. No vídeo dos saraus, optamos pela música *Zé brasileiro* do rapper Rappin Hood, pois o ritmo e a letra se encaixam na mensagem que procurávamos passar.

Na escolha dos créditos, optamos pelo ícone que representasse os saraus e as vozes: o microfone. O editor sugeriu a arte dos créditos com o ícone e com a fonte *Futura* e optamos deixar na cor cinza com as letras brancas para que tivesse maior visibilidade. O lado que o microfone aparece e os créditos se abrem é definido pela direção que o entrevistado está olhando, portanto, varia da esquerda para direita e da direita para esquerda.

Na edição do *Poesia contra violência*, o primeiro impasse foi que o tempo dele deveria ser menor, em uma média de três minutos, e ao mesmo tempo deveria reunir falas dos alunos e professores, além de algumas poesias dos estudantes. Isso fez com que a edição fosse mais específica e com foco nos cortes, para que fizessem sentido e não prejudicassem a mensagem do vídeo.

O segundo impasse foi quando percebemos que faltavam imagens de apoio para as falas e precisamos voltar na escola para gravar as imagens faltantes. No entanto, nenhum

desses problemas atrapalharam a entrega final e finalizamos as edições do vídeo da escola no dia 01 de novembro, ajustando as imagens de apoio nas falas. Além disso, também produzimos a vinheta e optamos pela música *Lição de Casa*, do Renan Inquérito, pois acreditamos que ela se encaixa com a temática do vídeo.

Também naquele dia, editamos a entrevista com o GOG com a ajuda do editor disponibilizado pela PUC, Artur Del Duca. Para a edição do vídeo do *rapper*, também enfrentamos a questão do tempo, pois necessitávamos deixá-lo em uma média de um minuto, visando prender a atenção do leitor e não ficar maçante. Seguindo essa ideia, juntamos dois cortes da entrevista com ele, totalizando 1:17, mas como a transição de um corte para outro percebemos que não ficaram bem conectadas e então optamos por dividir a mensagem em duas partes na reportagem, com um vídeo para cada parágrafo.

A entrevista completa possuía cerca de 20 minutos, mas como os cortes foram pequenos (menos de um minuto) a edição deste vídeo foi mais rápida do que a dos outros. O editor uniu o vídeo com o áudio do microfone de lapela e adicionou o crédito com o nome e profissão do GOG. Dessa forma, finalizamos essa edição também no dia 1 de novembro, e os outros dias ficaram destinados a organizar os detalhes finais dos demais vídeos.

Decidimos as músicas e fotos que acompanhariam os vídeos do GOG e optamos pela música do próprio artista, *O amor venceu a guerra*, para os créditos, com fotos tiradas durante as entrevistas.

Ao mesmo tempo em que estávamos trabalhando com os vídeos, também marcamos nossas edições de áudio para os dias 23 e 24 de outubro, com o editor da PUC, Guilherme William. Montamos os roteiros dos dois áudios e nas duas horas disponíveis para os dias conseguimos finalizar a edição, pois eram pequenas mídias das nossas fontes especialistas, Mei Hua e Márcio Vidal. Ambos foram finalizados com o tempo médio de um minuto.

A edição do vídeo da Vanusa Passos foi mais rápida, pois era necessário apenas unir o vídeo, gravado no celular de um dos integrantes, com o áudio do microfone de lapela, que foi emprestado pela PUC. A história de Vanusa é detalhada no último intertítulo - *Poetisa de zona* - e sua poesia se classifica como erótica, pois traz metáforas explícitas. Dessa forma, o conteúdo do vídeo de Vanusa foi sinalizado como não recomendado para menores de dezoito anos.

Nós pensamos na música para os créditos, visto que a poesia dela tem um conteúdo diferente dos outros segmentos da reportagem, e decidimos por *Love Song* do Sabotage em parceria com Mano Brown, pois se encaixava bem com o viés da arte dela.

Para a edição do texto, entregamos a primeira versão da reportagem no dia 25 de setembro, e conforme a orientadora do projeto revisou e apontou possíveis melhorias, nós corrigimos e entregamos uma nova versão a cada semana, até o dia 4 de novembro. Quando o texto necessitava apenas de correções de detalhes, nós elaboramos o título e a linha fina.

Ao longo desse processo de edição da parte textual, nós escolhemos onde cada mídia se encaixava e também onde entrariam os recursos de destaque, como a linha do tempo e o box explicativo.

Na edição das fotos, realizamos apenas ajustes como cortes e aumento da intensidade da cor, pois optamos por deixar a imagem mais natural. Escolhemos para a foto de capa a imagem de Renan abraçando o poeta Marcos, antes de recitar. Acreditamos que ela representa felicidade e união, o que é muito presente nos saraus. Decidimos fazer um carrossel de fotos para que pudéssemos construir a estética de uma noite de sarau em imagens, trazendo detalhes e momentos de forma mais ampla, portanto, escolhemos onze fotos que demonstram essa essência. As imagens de Bruna Bueno e Bárbara Prestes foram pensadas para apresentar um complemento para as falas, assim como a dos alunos com a professora, que também possui o mural antirracista ao fundo e visa representar a essência do trabalho da eletiva.

Organização das mídias		
Recurso	Título/Tema	Fontes
Vídeo - 05:42	Um sarau para salvar a alma	Renan Gomes, Rafael Carvalho, Antônio José Fernandes, Paulo Cotegepe, Marcos Aurélio, Gabriella Martins, Bruna Bueno e Maraísa Raquel.
Vídeo - 03:13	Poesia contra violência	Acácio Araújo, Bárbara Prestes, Davi Nelson, Gabrielle Bueno, Giovana Fontes, Isabela Ferrarese, Maria Eduarda Rocha, Rafaela Macedo e Samuel Britto.
Video - 0:52	Palavras pronunciadas pela poeta - parte 1	Genival Gonçalves - GOG
Video - 0:54	Palavras pronunciadas pela poeta - parte 2	Genival Gonçalves - GOG
Vídeo - 0:42	Poetisa de zona	Vanusa Passos
Áudio - 01:12	Linha tênue	Mei Hua Soares

Áudio - 0:52	Literatura e <i>Hip Hop</i>	Márcio Vidal
Carrossel de fotos	Saraus	Renan Gomes, Rafael Carvalho, Antônio José Fernandes, Paulo Cotegepe, Marcos Aurélio, Gabriella Martins, Bruna Bueno e Maraísa Raquel.

Iniciamos a edição da *landing page* para a reportagem multimídia no dia 12 de outubro, quando enviamos a versão para o desenvolvedor já iniciar a formatação da página. Enquanto isso, fizemos uma reunião com o *designer* e decidimos as cores predominantes, no caso vermelho, laranja e amarelo. O vermelho transmite paixão e energia, além de ser uma cor que se destaca em fundos brancos ou pretos; o amarelo representa criatividade e jovialidade; o laranja é sinônimo de vitalidade, além de ser a mistura das duas outras cores. Como esses sentimentos presentes nas cores também estão presentes na literatura periférica produzida dentro dos saraus, priorizamos essas três cores.

Neste dia, também decidimos a forma dos detalhes, como a linha do tempo, o box e as fotos. Quando finalizamos a última versão do texto com a orientadora e as edições das mídias com os editores, o desenvolvedor atualizou a página e realizamos uma reunião para discutir sobre a formatação novamente.

A linha do tempo foi planejada pelo grupo junto com a orientadora. Após escrever os textos e escolher as fotos, estruturamos, junto com o desenvolvedor e o designer, como ela ficaria na *landing page*. Com as cores já escolhidas - as mesmas, com a adição do roxo -, optamos por intercalar os anos e autores para que ela não ficasse muito extensa. Com o modelo criado pelo *designer*, percebemos que as fotos haviam ficado em baixa qualidade devido ao tamanho reduzido e optamos por substituí-las por maiores para que não perdessem a qualidade ao serem inseridas no círculo do modelo. Dessa forma, garantimos que as imagens estivessem nítidas e o texto com boa leitura.

O *box* com conteúdo da História dos saraus não precisou de muitos ajustes, apenas sugerimos que o fundo fosse laranja e o texto estivesse destacado em branco para que ficasse compreensível que era um box e não um intertítulo. E, por fim, para a comparação entre os poemas de Sérgio Vaz e Manuel Bandeira, decidimos colocar um ao lado do outro com o fundo estampado em roxo, pois acreditamos que isso chamaria a atenção do leitor.

2.3 Projeto/proposta de divulgação

Nossa proposta de divulgação foi focada no *Instagram*, pois nele conseguimos disseminar o projeto em diversos formatos, utilizando principalmente o recurso do *reels* para os vídeos e os *posts* em formato de carrossel para as fotos e maiores explicações sobre o nosso tema. A conta foi intitulada *Por cantos e contos*, e pode ser acessada pelo link - <https://www.instagram.com/porcantosecontos/>.

Na identidade visual, optamos pelo foco na cor vermelha, unida ao branco e preto para evitar a poluição visual no *feed*. Em todos os *designs* dos *posts* e legendas dos vídeos, a fonte usada foi a mesma da reportagem, a *Futura*. Procuramos trazer a mesma estética da reportagem e dos vídeos para o *design*, com criatividade e jovialidade. Aqueles que foram explicativos, fizemos no *Canva* utilizando a cor vermelha para destaque. Escolhemos o nome *Por cantos e contos*, pois acreditamos que combinava mais com a conta do *Instagram* e quando ela foi criada, ainda não havíamos decidido o título da reportagem.

A proposta de divulgação envolveu publicar de dois a três conteúdos por semana, utilizando as *hashtags* *LiteraturaPeriférica*, *Saraus*, *Poesías* e *Periferia* para impulsionar os posts. Todos os vídeos foram editados pela ferramenta *CapCut*, no qual cortamos e adicionamos as legendas. A primeira publicação ocorreu no dia 25 de outubro, em formato de carrossel explicando o que é a literatura periférica e como isso chegou nos saraus da Região Metropolitana de Campinas. Seguida da segunda e terceira publicação que apresentava o projeto e os participantes do grupo, em um carrossel de fotos intitulado “Por trás do projeto”.

No dia 29 de outubro, publicamos o primeiro *reels* com Robson Nunes, convidado do Parada Poética, explicando a importância da literatura periférica com sua própria experiência. Na próxima semana, no dia 5 de novembro, postamos um carrossel de fotos explicando a história dos saraus e como eles chegaram na periferia.

No dia 7 de novembro, optamos por publicar um corte da entrevista com o GOG, no qual ele fala sobre o encontro do *Hip Hop* com a literatura periférica e cita autores usados no nosso projeto. Na mesma semana, no dia 9, publicamos um carrossel de fotos com a linha do tempo da literatura periférica, em um modelo mais curto que o da reportagem.

No dia 15 de novembro, publicamos um *reels* com um pequeno depoimento das fontes personagens Davi Nelson e Acácio Araújo, falando sobre a importância de se expressar através da escrita. Como Acácio e os alunos da eletiva repostaram o vídeo em seus *stories* do *Instagram*, ele atingiu um público maior e de forma rápida, totalizando mil visualizações em duas horas. O vídeo atingiu 2908 reproduções, 105 curtidas, 18

compartilhamentos e 5 comentários, em um período de três dias.

Em 17 de novembro, postamos um corte de vídeo em que GOG recita seu poema sobre saraus, *ISO 9000 do gueto*, que atingiu 131 visualizações.

No dia 19 de novembro, publicamos um *teaser* do vídeo *Poesia contra violência*, em que todos os personagens participantes do vídeo aparecem ao som de *Lição de casa*, do Renan Inquérito, música utilizada na mídia da reportagem. Esse vídeo também foi compartilhado nos stories dos alunos da eletiva e atingiu 2933 reproduções, 91 curtidas, 18 compartilhamentos, 5 comentários e 4 salvamentos, atingindo 1528 contas na rede social. Neste recebemos respostas dos alunos sobre a felicidade em fazer parte do projeto.

Como último *post*, publicamos um *reels* com o *teaser* final da reportagem multimídia, inserindo vídeos de todas as fontes utilizadas nos vídeos. Atingimos 1169 reproduções, 28 curtidas e 9 salvamentos. Finalizamos com 60 seguidores.

2.4 Custos e gastos

Os maiores custos do grupo foram com o deslocamento para os saraus e para as entrevistas, como na escola e em São Paulo. Além disso, cada integrante do grupo mora em uma cidade diferente, portanto o valor gasto de cada um foi relativo. Mesmo assim, a locomoção foi mais fácil devido a um integrante do grupo possuir carro, então em todas as viagens necessárias, nos encontramos em Campinas e fomos para os locais.

O grupo dividiu as despesas com gasolina e pedágios nas idas aos saraus, à escola e a São Paulo. O primeiro deslocamento foi para o *Parada Poética* na cidade de Hortolândia, no dia 4 de Setembro, totalizando R\$50 de gasolina. O segundo deslocamento foi para Nova Odessa, em 11 de setembro, também para o *Parada Poética*, totalizando cerca de R\$40. Na mesma semana, no dia 13 de Setembro, participamos do *Sarau da Dalva*, em Campinas, gastando em média 35 reais. Já no dia 30 de Setembro, fomos à escola Guido Rosolen em Hortolândia, gastando R\$50 novamente.

Em Outubro, visitamos a escola novamente no dia 27 para a gravação das imagens de apoio, adicionando mais R\$50. E no dia 28, viajamos para São Paulo para a gravação com o rapper GOG, no Trade Hotel, centro de Diadema. Nesta viagem gastamos R\$120 de gasolina e R\$52 em pedágios. Ou seja, ao todo tivemos um gasto de R\$397.

Já a criação do *site* com o apoio de designer custou R\$500 e a compra do domínio no Registro BR custou R\$40, o que também foi dividido entre os integrantes do grupo. Portanto,

o total é de R\$972 ao todo e na divisão para cada membro do grupo, houve a média de R\$324 de gasto.

Eventos	Gastos	Preço para cada um do grupo
Ida ao sarau Parada Poética - Hortolândia	R\$ 50,00	R\$ 16,60
Ida ao sarau Parada Poética - Nova Odessa	R\$ 40,00	R\$ 13,30
Ida ao sarau da Dalva - Campinas	R\$ 35,00	R\$ 11,60
Idas a Escola Estadual Guido Rosolen - Hortolândia	R\$ 100,00	R\$ 33,30
Ida para Diadema - São Paulo (Entrevista GOG)	R\$ 172,00	R\$ 57,30
Ida a Estação Cultura de Campinas (Entrevista Vanusa Passos)	R\$ 35,00	R\$ 11,60
Criação e design do site	R\$ 500,00	R\$ 166,60
Domínio do site	R\$ 40,00	R\$ 13,30
Total	R\$ 972,00	R\$ 324,00

Referências

BERGAMIN, F. Literatura Periférica: contribuições para o fazer literário e a sociedade. **ÍANDÉ : Ciências e Humanidades**, v. 6, n. 1, p. 1-14, 4 abr. 2022.

CAVALCANTI, Ivo. **O webjornalismo e suas potencialidades**: um estudo de caso do portal NE10. 2013. 148 f. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10786/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20I%20VODANTAS.pdf>>. Acesso em 4 jun 2023.

COSTA, Caio Túlio. Múltiplos sistemas, múltiplas vozes. In: PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

D'ANDREA, Tiarajú. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. 309 f. Tese (Doutorado em sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/en.php>>. Acesso em: 17 maio 2023.

FERRÉZ. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa280342/ferrez>>. Acesso em: 15 mai 2023.

GOMES, Renan. **O relevo da voz: um grito cartográfico dos saraus em São Paulo**. 2019. 191 f. Dissertação (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/183074>>. Acesso em: 9 mar. 2023.

OGAYA, Monica; ZACARIAS, Diogo. **A Parada não Para**. Youtube, 20 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mnEtp1fUW2Y>>. Acesso em: 8 mar. 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LEITE, A. E. Marcos fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo. **Revista Estudos Culturais**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98368>. Acesso em: 7 abr. 2023.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian journalism research**, v. 11, n. 1, p. 110-127, 2015. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693/621>>. Acesso em 04 jun 2023.

PEÇANHA, Érica. **“Literatura marginal”**: os escritores da periferia entram em cena. 2006. 221 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade estadual de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECHANHA_NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 27 mar 2023.

SÉRGIO Vaz In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa369605/sergio-vaz>>. Acesso em: 15 mai 2023. Verbetes da Enciclopédia.

SOUZA, J; SUBRINHO, A. Literatura Periférica em Contextos de Mídias Digitais. **Revista Imersão**, Capim Grosso, v. I, n. 1, p. 47-57, jul. 2020. Disponível em: <https://fcgba.com.br/revista/index.php/1/article/view/6>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SUGIMOTO, Luiz. Negra, periférica e fundamental. **Jornal da Unicamp**, São Paulo, 08 set. 2013. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/573/negra-periferica-e-fundamental>>. Acesso em: 13 mar 2023.

UM perfil do Leitor Brasileiro. **Itaú Social**, 30 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/um-perfil-do-leitor-brasileiro/>>. Acesso em: 12 mai 2023.

VOCÊ sabe o que é sarau?. **Revista Arara**, 31 dez. 2018. Disponível em: <<https://arararevista.com/voce-sabe-o-que-e-sarau/>>. Acesso em: 9 maio 2023.

Anexos



Faculdade de Jornalismo

ROTEIRO DE EDIÇÃO

Data: 23.10	Nº fita bruta: 1	Câmera: 1	Editor de texto: 1	Retranca: <i>Áudio Mei Hua</i>			
Produtor(a) / Pauteiro (a): Alanis Mancini – Luca Guerra – Vinicius Braga Repórter: Alanis/ Luca/ Vinicius							
Ano:	2023	Turma:	51	Período:	8º	Professor (a):	Maria Lucia Jacobini

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
Áudio - Mei Hua	25:39 a 25:56	Sonora	DI: “EM VÁRIAS SITUAÇÕES DO COTIDIANO DA ESCOLA.” DF: “É MUITO EM FUNÇÃO.”
Áudio - Mei Hua	26:07 a 26:15	Sonora	DI: “ESSE CARA VEIO DA PERIFERIA” DF: “ISSO NÃO É QUALQUER COISA”
Áudio - Mei Hua	27:30 a 28:14	Sonora	DI: “É MUITO DURO, A GENTE TEM O COSTUME...” DF: “COMO É QUE EU VOU JULGAR ISSO”
Áudio - Mei Hua	28:38 a 28:46	Sonora	DI: “É MUITO DURO PORQUE A GENTE NÃO TEM UM PROJETO” DF: “PRA CONTEMPLAR ESSA MENINADA TODA, ESSA É A VERDADE.”

Data: 10.10	Nº fita bruta: 1	Câmera: 1	Editor de texto: 1	Retranca: <i>Vanusa Poesia</i>			
Produtor(a) / Pauteiro (a): Alanis Mancini – Luca Guerra – Vinicius Braga Repórter: Alanis/ Luca/ Vinicius							
Ano:	2023	Turma:	51	Período:	8º	Professor (a):	Maria Lucia Jacobini

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
Vanusa Poesia	0:43 a 1:12	Sonora Poesia Vanusa – interligar com vídeo	DI: “TIRA A MINHA CALCINHA COM A BOCA E LAMBAS TODAS AS PALAVRAS...” DF: “EU CUSPO TODA A MINHA POESIA NA SUA CARA.”



Faculdade de Jornalismo

ROTEIRO DE EDIÇÃO

Data: 23.10	Nº fita bruta: 1	Camera: 1	Editor de texto: 1	Retranca: <i>Áudio Márcio Vidal</i>			
Produtor(a) / Pauteiro (a): Alanis Mancini – Luca Guerra – Vinicius Braga Repórter: Alanis/ Luca/ Vinicius							
Ano:	2023	Turma:	51	Período:	8º	Professor (a):	Maria Lucia Jacobini

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
Áudio - Márcio Vidal	20:11 a 21:30	Sonora	DI: “EU ACHO QUE NÃO EXISTIRIA LITERATURA PERIFÉRICA SEM O HIP HOP.” DF: “NÃO COM O OLHAR DE DENTRO NÉ, QUE É O OLHAR DO EU POÉTICO.”



Faculdade de Jornalismo

ROTEIRO DE EDIÇÃO

@

Data: 01.11	Nº fita bruta: 1	Câmera: 1	Editor de texto: 1	Retranca: <i>Literatura e rap</i>			
Produtor(a) / Pauteiro (a): Alanis Mancini – Luca Guerra – Vinicius Braga Repórter: Alanis/ Luca/ Vinicius							
Ano:	2023	Turma:	51	Período:	8º	Professor (a):	Maria Lucia Jacobini

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
Vídeo GOG 17:17 a 17:58	Áudio GOG 17:44 a 18:25	Fala do GOG	DI: “EU ACHO QUE A MEDIDA QUE O RAP SE JUNTA COM A LITERATURA” DF: “NÃO ACONTECEU DO JEITO QUE ELES CONTAM”
Vídeo GOG 14:12 a 14:53	Áudio GOG 14:40 a 15:20	Fala do GOG	DI: “ENTÃO EU ACHO QUE O SARAU VEIO PRA FICAR” DF: NÃO SÓ DE APLAUDIR, MAS DE DAR RITMO NÉ”

Data: 09.10	Nº fita bruta: 1	Câmera: 1	Editor de texto: 1	Retranca: <i>Literatura Escola</i>			
Produtor(a) / Pauteiro (a): Alanis Mancini – Luca Guerra – Vinicius Braga Repórter: Alanis/ Luca/ Vinicius							
Ano:	2023	Turma:	51	Período:	8º	Professor (a):	Maria Lucia Jacobini

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
BRAZ2028_01	0:03 a 0:14	Poesia da aluna Rafaela Vinheta	“PODERIA COMEÇAR DE FORMA BEM ROMANTIZADA” “ME SINTO PRESA EM MEU PRÓPRIO EXÍLIO”
BRAZ1830_01 APOIO - 1821	03:55 a 04:15	Fala da aluna Isabela + imagem de apoio	“TODO O CONTEXTO PERIFÉRICO NÉ, TRAZ ESSA QUESTÃO DO CONHECIMENTO” “NÃO SÓ ENTENDER A VIOLÊNCIA, MAS AGIR”
BRAZ1829_1	10:35 a 10:52	Fala da professora Bárbara + imagem de apoio	“A ESCRITA, A POESIA, ELA DÁ VOZ” “PRINCIPALMENTE DA PERIFERIA QUE MUITAS VEZES NÃO TEM VOZ”
BRAZ1837_01 APOIO - 1844	01:28 a 01:48	Fala da aluna Giovana + imagem de apoio	“NO MEIO DAS NOSSAS AULAS ESSES ASSUNTOS” “A GENTE PENSA SOBRE E AÍ A GENTE SE EXPRESSA”
BRAZ1848_01 APOIO - 1846 APOIO - 1852	01:24 a 02:11	Fala do professor Acácio + imagens de apoio	“NO DIA A DIA A GENTE ACABA NÃO TENDO TEMPO DE OUVIR” “ISSO FALTA MUITO NA ESCOLA”
BRAZ1846_01	02:38 a 02:48	Fala do aluno Davi	“NO MEU AMBIENTE EM CASA NINGUÉM PERGUNTA” “NOS MEUS POEMAS É MUITO IMPORTANTE”

BRAZ1832_01 APOIO - 1852	01:31 a 01:44	Fala da aluna Gabrielle + imagem de apoio	“ÀS VEZES A GENTE ACHA QUE NÃO TEM MUITA CAPACIDADE” “DESENVOLVENDO MELHOR ESSE TIPO DE ESCRITA”
BRAZ1836_01 APOIO - 1858 APOIO - 1861	01:16 a 01:37	Fala da aluna Rafaela + imagens de apoio	“EU ACHO QUE ISSO AMPLIA E DÁ NOVAS OPORTUNIDADES” “AJUDA A SAÚDE MENTAL, É INCRÍVEL”
BRAZ1840_01 APOIO - 1850	02:39 a 02:53	Fala da aluna Maria Eduarda + imagem de apoio	“ISSO DE PODER QUESTIONAR SEM SER JULGADO” “PODER TER ESSA VOZ É O PRINCIPAL”
BRAZ1829_1	4:08 a 4:12	Fala da professora Bárbara	“A GENTE ACREDITA QUE A LITERATURA, A POESIA, ELA SALVA”
BRAZ2021_01 APOIO - 2036 APOIO - 2045 APOIO - 2032	0:04 a 0:16	Poesia do aluno Samuel + imagens de apoio	“ELES GRITAM MACACO, ELES NÃO ANDAM DO MEU LADO” “OUTRO JOVEM PRETO CHAMADO JOÃO”

Data:	Nº fita bruta:	Câmera:	Editor de texto:	Retranca:
09.10	1	1	1	<i>Saraus periféricos</i>
Produtor(a) / Pauteiro (a): Alanis Mancini – Luca Guerra – Vinicius Braga Repórter: Alanis/ Luca/ Vinicius				
Ano:	2023	Turma:	51	Período: 8º
Professor (a):	Maria Lucia Jacobini			

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
BRAZ1773 (trem)	0:42 a 0:52	OFF TREM PASSANDO E O SARAU DE FUNDO + FALA DO RENAN	“A PALAVRA LAVRA, A PALAVRA LAVA...” “A PALAVRA FOGE.”
BRAZ1730 (Renan)	3:20 a 3:32	VINHETA TOUR PELOS SARAUS (DIVERSAS IMAGENS)	MÚSICA “ZÉ BRASILEIRO” (15 SEC)
00001 (Renan)	0:39 a 1:00	OFF HISTÓRIA DOS SARAUS + IMAGENS DE APOIO	“O SARAU ELE É MEIO QUE UM GRITO NOSSO ASSIM TÁ LIGADO...” “FAZER ISSO ATRAVÉS TAMBÉM DA POESIA”.
00001 (Rafael)	1:00 a 1:28		“O SARAU SURTIU DA MINHA MOVIMENTAÇÃO COM...” “AQUI NA REGIÃO QUE SEMPRE FOI MUITO CARENTE.”
00001 (Renan)	3:44 a 4:01	FALA DO RENAN + IMAGENS DE APOIO	“NEM TODAS AS PESSOAS QUE VÊM AQUI SÃO POETAS” “POESIA SE SENTE”
00013	3:33 a 3:55	FALA DO MARITACA + IMAGENS DE APOIO	“TEM DIA QUE EU ME PEGO SOZINHO TRABALHANDO...” “ACHO QUE ISSO É MUITO IMPORTANTE.”
BRAZ1711	04:47 a 05:07	FALA DO GEMINIANO + IMAGENS DE APOIO	“QUANDO VOCÊ ESCRIVE, VOCÊ TÁ LIDANDO...” “CORAGEM DE APRESENTAR AQUILO PRO MUNDO.”

BRAZ1741	01:13 a 01:32	POESIA DINHA	“JÁ QUE DE DENTRO DA GUERRA, EU GRITO” “PRA NÃO VIRAR ESTATÍSTICA”
00002 (Rafael)	7:20 a 7:45	FALA DO RAFAEL + IMAGENS DE APOIO	“QUAL É A UTILIDADE DA POESIA?...” “COSTUMA HAVER MURO E FRONTEIRA.”
00037	6:00 a 6:26	FALA MARAÍSA + IMAGENS DE APOIO	“HOJE ME VER COMO REFERÊNCIA PRA OUTRAS MENINAS” “ELE TRAZ O AMOR.”
00009	0:31 a 0:41	FALA GABRIELA + IMAGENS DE APOIO	“EU SINTO AMOR RECITANDO, EU SINTO AMOR” “A PARADA POÉTICA PRA MIM É AMOR”
00001 (Renan)	9:00 a 9:32	FALA RENAN	“O SARAU EU COSTUMO FALAR QUE É UM LUGAR” “POESIA SE SENTE.”
00013	2:45 a 3:17	FALA MARITACA + IMAGENS DE APOIO	“A POESIA ELA FALA DO AMOR” “O POETA TEM COM A HUMANIDADE.”
00001 (Renan)	11:03 a 11:18	FALA RENAN + IMAGENS DE APOIO	“É PRECISO SENTIR” “A POESIA JÁ FOI MUITO SILENCIADA.”
BRAZ1748	4:43 a 4:54	MÚSICA RENAN	“ELE PEDINDO A DEUS PODEROSO” “FAÇA CHOVER NO SERTÃO”
00001 (Rafael)	10:04 a 10:44	FALA RAFAEL	“PRA NÓS DA PERIFERIA A GENTE APRENDE” “E A POESIA É MUITO MAIOR DO QUE ISSO”
BRAZ1751	2:30 a 3:00	FALA BRUNA + IMAGENS DE APOIO	“A PARADA POÉTICA EM ESPECÍFICO MUDOU MUITO MINHA VIDA” “UNS VIRAM MUROS E OUTROS PONTES”

BRAZ1744	0:56 a 1:11	POESIA RODRIGO BRITO	"PRIMEIRO PRETO DA FAMÍLIA QUE BRILHA" "HISTÓRIA QUE TINHA TUDO PRA DAR ERRADO (+PALMAS)."

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Genival Oliveira Gouveia,

(nome)

, RG 638962-17

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua 34 G A Gouveia

(rua ou avenida e número)

Guarua LT Bonsucesso SP

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 28 de outubro de 2023Genival Oliveira Gouveia

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Gabriella Brenda Martins,
(nome)
brasileira, solteira, ^{CPF} 434.443.148-09,
(Nacionalidade) (Estado Civil) RG

residente e domiciliado à rua Teófilo, 45
(rua ou avenida e número)

Catanduva, Zanonga, Umuarama SP
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 11 de Setembro de 20...

Gabriella
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Paulo Vitor Catejise Celestino,
(nome)
Brasileiro, solteiro, RG 52049981-9
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à rua Costa Colombini, nº 243-
(rua ou avenida e número)

Il. Lourdes Campinas São Paulo 13060061
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 04 de setembro de 2013

Catejise
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

EU, BRUNA DE OLIVEIRA BUENO,
(nome)

Brasileira, solteira, RG 62.058.589-6
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Pimentas, 819
(rua ou avenida e número)

Parg Industrial, São José dos Campos/SP 12235-750
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 04 de Setembro de 2020


(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Maraisa Raquel da Silva,
(nome)

Brasileira, Solteira, RG 49838052-X
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Tão Felipe da Campos, 174
(rua ou avenida e número)

Santa Campinas SP
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 13 de Setembro de 2023

Maraisa R
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Antonio José Fernandes,
 (nome)
Brasileiro, Casado, RG 11.297.425-9
 (Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua da Solidariedade, 684
 (rua ou avenida e número)

Ilhota, Araraquara, SP
 (Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 17 de Setembro de 2023


 (assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, marcos Aurélio de Araújo,
(nome)
Brasileiro, Solteiro, RG 53.228.788-5
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Beaura (antiga 11) n.º 888
(rua ou avenida e número)

Pq. Residencial Salgado, número São Paulo 13178-354
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 04 de Setembro de 2023

marcos Aurélio de Araújo
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Rafael M. de Carvalho,
 (nome)
brasileira solteira RC 33265960-6
 (Nacionalidade) (Estado Civil)
 residente e domiciliado à R. Norte, 690
 (rua ou avenida e número)
Jd. do Sol, Campinas, SP, 13055-220
 (Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 13 de Setembro de 2023

Rafael M. de Carvalho
 (assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, RENAN LUIS GOMES,
(nome)
BRASILEIRO, DIVORCIADO, RG 43.572 237-0
(Nacionalidade) (Estado Civil)
 residente e domiciliado à RUA DA PAZ, 599
(rua ou avenida e número)
NOVA ODESSA SP
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 11 de Setembro de 2023
Renan Luis Gomes
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Barbara de Oliveira Pontes,
(nome)
brasileira, solteira, RG 90983438-0
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Andreia da Silva Barros
(rua ou avenida e número)

628, Horizonte, São Paulo, 13185-350
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 29 de setembro de 2023

Barbara O. Pontes
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Acácio Santos de Araújo,
(nome)
Brasileiro, Casado, RG 42.074.813-9
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Vereador O. Antonio Ghiraldelli, 905
(rua ou avenida e número)

Ghiraldelli, Hortolândia, São Paulo, 13.186-631
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 29 de Setembro de 2023

Acácio Santos de Araújo
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, Maria Ester Andrade,
(nome)

Brasileira, RG 29.089.256-9
(Nacionalidade)

residente e domiciliado à Rua João Alves 161
(rua ou avenida e número)

Set. Adalberto Hortelândia, SP 13.185-311
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP),

responsável por Maria Eduarda Andrade Roda,
(nome)

Brasileira, RG 54.262.831-4
(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 2 de Outubro de 2023

Andrade
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, Verane Carolina M. Papait,
(nome)

brasileira, RG 21.173.080-4
(Nacionalidade)

residente e domiciliado à rua Pimenta do Silva
(rua ou avenida e número)

250, g. Santa Isabel, 13185251
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP),

responsável por Rafaela macado Papait,
(nome)

brasileira, RG 65.261.176-1
(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 02 de Outubro de 2023

Verane C. M. Papait
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, Josy de Jesus Brito,
(nome)

Brasileira, 22.3.543.398-92, RG 35777525-5
(Nacionalidade)

residente e domiciliado à Rua Rodrigo Medeiros, 121, Bloco 16 Ap 31
(rua ou avenida e número)

Jd. Monte Alto, Campinas, São Paulo, 13064-845
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP),

responsável por Isaci Nelson Brito Camargo,
(nome)

Brasileira, 505.346.512-AB, RG 52.409.813-7
(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 02 de Outubro de 2022.


(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, LUCIANE MOREIRA DE SOUZA,
(nome)

BRASILEIRA, RG 34.467.993-7
(Nacionalidade)

residente e domiciliado à R. NELSON PEREIRA BUENO, 325
(rua ou avenida e número)

V. SÃO PRO HORTOLÂNDIA SP 13.184-235
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP),

responsável por EMILLY MOREIRA SANTOS,
(nome)

BRASILEIRA, RG ✓
(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 04 de SETEMBRO de 2023

Luciane m. Souza

(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, LUCIANE MOREIRA DE SOUZA,
(nome)

RG 34.967.993-7
(Nacionalidade)

residente e domiciliado à R: NELSON PEREIRA BUENO
(rua ou avenida e número)

325 VL. SÃO FRANCISCO HORTOLÂNDIA-SP 13184-235
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP),

responsável por ANA CLARA MOREIRA SANTOS,
(nome)

BRASILEIRA RG —
(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 04 de SETEMBRO de 2023

Luciane m. Souza
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEMEu, Maria Hilto de Carvalho Neto,

(nome)

brasileira, casado, RG 22.0093570

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Pecanha dos Patroeiros, 02

(rua ou avenida e número)

gd S. Sônia S. Paula, SP, 09194-500

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 11 de setembro de 2023Maria Hilto de Carvalho Neto

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE
IMAGEM**

Eu, Vanusa dos Santos Paes,
(nome)
Brasileira, Solteira, RG 26.589.451-8
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado a R. João B. da Silva Paíco, 195
(rua ou avenida e número)

Ed. Staludith Campinas J. P. 13088-160
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 22 de novembro de 2023

[Assinatura]
(assinatura)

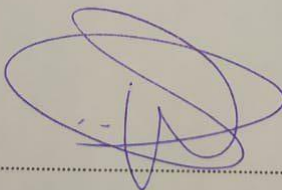
AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, Wanderley Gonçalves da Silva, brasileiro, CPF 219.316.768-01, RG 30.610.196-8, residente e domiciliado à Rua José Aparecido Marçal, 284, Jd Maria de Lourdes, Hortolandia, São Paulo, CEP: 13-186-472, responsável por Samuel Brito da Silva, brasileiro, CPF: 544.099.028-30, RG 63.042231-1.

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 21 de novembro de 2023



(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, Gabriela Gabriel messias Bueno de Paula,
(nome)

Brasileira, RG 40.862.240-4
(Nacionalidade)

residente e domiciliado à Caminho da Fé, 03, 143
(rua ou avenida e número)

do novo bairro Rafaelândia S.P. 13185-076
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP),

responsável por

Gabriele messias Bueno de Paula
(nome)

Brasileira, RG 50.456.068-X
(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 07 de novembro de 2023.



(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, Angelina Fontes de Oliveira Ribeiro,

(nome)

Brasileira, RG 30890080-7

(Nacionalidade)

residente e domiciliado à Rua Anézio Antonio Foreze, 79

(rua ou avenida e número)

Jd. Adelaide, Hortolândia, São Paulo, 13185351

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP),

responsável por

Giovanna Fontes Oliveira Ribeiro

(nome)

Brasileira, RG 57570045-2

(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 09 de NOVEMBRO de 2023

[Assinatura]

(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, Felipe m. ferrarese,
(nome)

BRASILEIRO, RG 32833652-X
(Nacionalidade)

residente e domiciliado à Palmeira Francisca Fontoura
(rua ou avenida e número)

T. São Antonio Hortolândia SP 13.185.547
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP),

responsável por

Isabela Ribeiro Ferrarese
(nome)

Brasileira, RG 57.659.625-5
(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 06 de Novembro de 2023

Felipe Ferrarese
(assinatura)

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

ALANIS DE PÁDUA FERREIRA MANCINI

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**A PERIFERIA PELOS PERIFÉRICOS:
JORNALISMO NA MARGEM**

**CAMPINAS
2023**

Alanis de Pádua Ferreira Mancini

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**A PERIFERIA PELOS PERIFÉRICOS:
JORNALISMO NA MARGEM**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO (TCC), da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas, como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti.

**PUC-CAMPINAS
2023**

1. INTRODUÇÃO

Com recorrência, ao veicular notícias sobre a periferia de metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro, o jornalismo da grande mídia, também chamada *mainstream*, constrói um modo homogêneo de ver os indivíduos periféricos, reduzindo a diversidade desses territórios a alguns estigmas e conceitos pré-estabelecidos. Isso é gerado pela falta de escuta desses sujeitos por parte dos jornalistas, que acabam jogando mais holofotes apenas para acontecimentos pautados pela violência (Costa, 2021).

A imagem do subúrbio na mídia, quase sempre vinculada à marginalidade, violência e a cenários chocantes, também reforça a ideia de que os indivíduos que vivem nesses territórios, por conta da suposta condição financeira precária, têm capacidade intelectual e cultural limitada para falar até sobre a própria condição. Dessa forma, sucede-se uma visão sobre a população periférica forjada fora dela (Rovida, 2018).

Em decorrência dessa representação superficial, a periferia fica sujeita a diversos preconceitos e estigmas, visto que a mídia exerce grande interferência na leitura da realidade social. “Isso porque essa parcela do extrato urbano da metrópole será sim alvo de interesse do jornalismo hegemônico, porém isso será levado a cabo de uma maneira estreita, distanciada e pouco aprofundada o que permitirá uma certa estigmatização de sujeitos e territórios periféricos” (Rovida, 2018, p. 7).

Como alternativa ou resposta a esse cenário, o surgimento de coletivos de comunicação das periferias das metrópoles é um fenômeno que cresce desde 2013, segundo o *Observatório das Favelas*. Como um instrumento de democratização e, principalmente, como forma de introduzir a realidade noticiada diretamente da voz de quem vive a periferia, o chamado jornalismo periférico é desenvolvido por moradores de bairros afastados do centro e, em sua maioria, formados em jornalismo. Nesse processo, eles atuam produzindo uma comunicação engajada com as demandas dos seus territórios, de acordo com o estudo *Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro*, realizado pelo Fórum de Comunicação e Território, criado pela Rede Jornalistas das Periferias em 2019.

Com base nesse cenário, pretendemos analisar como esse fenômeno crescente que é o jornalismo periférico constrói a representação das periferias com base nas demandas e visões dos sujeitos que lá vivem, criando uma narrativa que seja realmente parte de uma mediação social e que visa ecoar não só dentro da periferia, como também nos grandes centros urbanos. Nosso objetivo é apurar como é a produção jornalística de coletivos de comunicação das periferias das grandes cidades brasileiras, com o intuito de entender como essa forma

contra-hegemônica de comunicação permite que jornalistas retratem a periferia sem os estigmas que a grande mídia projetou durante anos. Para a pesquisa, adotamos a revisão bibliográfica como metodologia.

De acordo com Antônio Carlos Gil (1987), a pesquisa bibliográfica é feita por meio de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos. Dessa forma, se precisamos de dados, estudos históricos e análises de problemas, como nesta pesquisa, é necessário utilizar esse método para a busca de referências. A vantagem da pesquisa bibliográfica é permitir que o pesquisador encontre uma cobertura ampla sobre o tema que deseja abordar, com o uso de fontes diversas. As principais fontes bibliográficas são livros e publicações periódicas, como artigos científicos, jornais e revistas, impressas e online.

A pesquisa por abrangência é um método abordado por Agma Traina e Caetano Traina Júnior (2009) para exemplificar como desenvolver um trabalho dessa natureza. Basicamente, inicia-se a pesquisa com uma lista de palavras-chave e executam-se diversas buscas para encontrar artigos que contenham essas palavras. Após essa etapa, analisam-se os artigos obtidos e refazem-se as pesquisas com palavras mais específicas, até encontrar as publicações que mais se adequam ao tema escolhido. De acordo com os autores, esse processo abre portas para a pesquisa aprofundada.

A riqueza de informações que passará a se descortinar para você torna essa atividade um passo muito significativo no amadurecimento e preparo de seu projeto de pesquisa. Como a curiosidade é uma das características inatas dos pesquisadores, a realização de pesquisa bibliográfica é uma das tarefas mais motivadoras do processo científico, pois apoia o aprendizado de novo conhecimento (Traina; Traina Jr., 2009, p. 31).

Pizzani et al. (2012) discorrem sobre esse tema em seu artigo *A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento*, definindo que o material bibliográfico para a pesquisa pode ser encontrado em três tipos de fontes: primárias, secundárias e terciárias. Como exemplo de fontes primárias, temos as teses universitárias, livros, artigos em revistas científicas e anais de congresso. As secundárias são os trabalhos que citam e revisam outros trabalhos, como revisões bibliográficas; e as terciárias são as bases de dados bibliográficos, que categorizam trabalhos primários e secundários (Pizzani et. al, 2012).

Dessa forma, fica evidente que, em nossa pesquisa, serão usadas como recurso principal as fontes primárias. Para elaborar este trabalho, realizamos pesquisas na base de dados do Google Acadêmico⁷, buscando pelos termos-chave “comunicação periférica”,

⁷ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>.

“periferia conceito”, “coletivos periféricos”, “jornalismo contra-hegemônico” e “jornalismo periférico”, no período compreendido entre 12 e 25 de agosto de 2023.

Portanto, quando estabelecemos os problemas a serem discutidos e as palavras-chave que devem ser usadas, como já fizemos, podemos iniciar uma pesquisa abrangente em livros, artigos, periódicos e sites da internet. De acordo com Johnny Mafra (1992), em seu artigo *Ler e tomar notas - primeiros passos da pesquisa bibliográfica*, a atividade de levantar dados bibliográficos deve ser um trabalho de leitura e anotações, com o primeiro foco naquelas publicações que discutem os problemas que iremos abordar ao longo do projeto.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O que é periferia

Inicialmente, a periferia pode ser definida como o resultado de um processo de construção de espaço que ficou conhecido como “centro-periferia”. Enquanto o centro concentra os empregos, os equipamentos e as funções da vida urbana, a periferia é o resultado do crescimento metropolitano não regularizado pelo Estado. Sendo assim, é onde passam a viver pessoas sem condições de usufruir do bem-estar do centro, apesar de lá trabalharem. Além disso, a acessibilidade da periferia ao centro também é comprometida, como explica Milton Santos.

Em termos geográficos, a periferia não será definida pela distância física entre um polo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade. Esta depende essencialmente da existência de vias de transporte e da possibilidade efetiva de sua utilização pelos indivíduos, com o objetivo de satisfazer necessidades reais ou sentidas como tais. Mas a incapacidade de acesso a bens e serviços é, em si mesma, um dado suficiente para repelir o indivíduo e também, afirma, a uma situação periférica (Santos, 1979, p. 229).

De acordo com Leandro Guimarães, mestre em geografia, a periferia surge a partir da necessidade daqueles que foram excluídos de produzirem o seu próprio local de moradia, o que já faz parte de uma segregação. Dessa forma, esse modelo exclui os indivíduos da cidade (centro) e os (re)inclui em um ambiente precário.

O espaço da periferia, assim, é forma e conteúdo, fixos e fluxos, no qual as esferas do vivido e do concebido não se encontram dissociadas, antes se misturam e se interpenetram na realidade cotidiana daqueles que nela vivem. Nessa paisagem a “ausência” é a marca e a inventividade, a norma (Guimarães, 2015, p. 110).

Em São Paulo, por exemplo, a periferia também se constituiu assim, como uma construção coletiva e autônoma feita “na margem” da cidade, ou seja, não derivada de um processo organizado pelo Estado. A produção e o crescimento dessa região são resultados de processos do final do século XIX, como a abolição da escravatura, em que os escravos libertos não receberam nenhum auxílio financeiro ou social para se integrarem à sociedade. Essa libertação inacabada favoreceu que as práticas e a cultura preta fossem, aos poucos, criminalizadas, destinando os negros ou para prisão ou para a periferia (Madeira, 2018).

Outro processo importante ocorreu no início do século XX, com a migração de nordestinos para São Paulo na busca de oportunidades de trabalho. Assim, nesse momento de urbanização do município, a periferia se consolidou como o destino dessas pessoas e um espaço segregado do centro (Tanaka, 2006).

Com o passar dos anos, a periferia começa a ser vista como um local distante e que não segue a orientação do Estado para as construções das suas moradias, o que reforçava o estereótipo de uma parte da cidade irregular, oposta à legalidade. É óbvio que a periferia se difere da construção do centro, mas ela está diretamente relacionada ao Estado, justamente porque a formação da cidade “central” é determinante na organização da periferia (Tanaka, 2006). No entanto, com esse estereótipo, há uma percepção de que a periferia deve se integrar à cidade. “Percebemos uma retomada de ideias de que a periferia pode ser cidade, ou pode melhorar, na medida em que os benefícios da cidade moderna cheguem nela - ou seja, se trataria de uma realidade marginal, que bastaria ser integrada à cidade” (Tanaka, 2006, p. 140). Vemos então que os bairros às margens da cidade foram batizados como periferias para designar um espaço de carência, marginalidade e violência.

A partir da década de 1990, o termo em si passou a equivaler também a bairros populares, bairros pobres e até classes populares no entendimento de jornalistas, acadêmicos e especialistas. Mas, com o início das políticas públicas voltadas para a inclusão social dos sujeitos que ali vivem, e com a indústria do entretenimento descobrindo a periferia, o sentido do termo se transforma, saindo do conceito de local de pobreza e sofrimento e indo para o conceito de um local de potência.

Não mais entendida apenas como local de pobreza, privação e sofrimento passível de comiseração, a periferia passa a ser um termo utilizado como marcador de presença ativa de populações vistas não sob o signo da fragilidade, mas da potencialidade. No Rio de Janeiro, esse mesmo deslocamento ocorreu com o termo favela (D’Andrea, 2013, p. 10).

Uma das principais expressões desse momento de explosão da cultura periférica foi o surgimento do grupo de rap Racionais MC's. A população das margens da cidade começou a explicar seu lugar no mundo, com suas narrativas e subjetividades, para quem estava de fora, buscando mostrar sentimento de orgulho e não mais carregando estigmas (D'Andrea, 2013).

Devido a todo esse histórico de significação e ressignificação sobre o que é periferia, atualmente o termo remete, simultaneamente, a “um espaço físico-geográfico em oposição aos centros urbanos; uma arena de sociabilidade e expressão cultural; e um berço de projetos políticos de emancipação de populações menos favorecidas”, segundo Kopper e Richmond (2020, p. 9). Dessa forma, o discurso sobre a periferia depende do enfoque proposto, principalmente quando usado pela mídia brasileira.

2.2 Jornalismo contra hegemônico

De acordo com Antonio Gramsci, pesquisador e filósofo marxista, a hegemonia é consolidada não só em questões de estrutura política, mas também no plano ético-cultural, que engloba a expressão de saberes, práticas e modos de representação que desejam ser legitimados e universalizados. No entanto, o autor defende que a hegemonia, apesar de ser uma postura totalizadora, se dá com o consentimento dos demais, e esse consenso atravessa a produção nos meios de comunicação (Coutinho; Marino, 2017).

Como o jornalismo hegemônico na sociedade capitalista se sustenta por grandes empresas guiadas pela lógica do lucro e da audiência, ele não possui o compromisso com a emancipação social. E o fato de as grandes emissoras de rádio e televisão serem meios de lucro compromete a forma de levar informação ao público, visto que este passa a ser tratado como consumidor em vez de um cidadão (Coutinho; Marino, 2017). Dessa forma, a hegemonia do capital afeta desde a apuração das notícias até a moldagem da opinião pública, já que a grande mídia se adapta às linhas editoriais pré-formuladas e se encaixa nos objetivos da indústria cultural visando o lucro.

Além disso, na mídia hegemônica brasileira, caracterizada pelos grandes canais de comunicação dos meios impressos, rádio e tevê, o foco na regulação da opinião social ocorre através de agendamentos dos temas de acordo com critérios como ênfase, incorporação, esvaziamento ou extinção (Moraes, 2010). Portanto, a produção de reportagens que envolvem atores sociais nem sempre contemplados pela mídia, como os sujeitos periféricos, aborda de uma forma estereotipada e sem contemplar a diversidade de vozes que compõem a sociedade brasileira (Reis, 2017).

Parte da noção de hegemonia é a ideia de contra hegemonia, que não vem com o objetivo de substituir a classe dominante, mas como um complemento. Por isso, Peruzzo afirma que “os meios de comunicação alternativos são aqueles em que ocorre uma comunicação livre, que se pauta pela desvinculação com qualquer tipo de interesses, seja governamental empresarial, comercial e/ou político-conservador” (Peruzzo apud Coutinho; Marino, 2017).

Destarte, a necessidade de criação de um jornalismo contra hegemônico veio da própria incapacidade de o jornalismo *mainstream* noticiar e/ou cobrir demandas sociais além da bolha firmada pela *agenda setting*⁸.

Dessa forma, o jornalismo alternativo surge como uma iniciativa de oposição ao modelo tradicional e, aos poucos, se torna um porta-voz da sociedade, um papel que a grande mídia não assume, com práticas que se baseiam em espaços de discussão, reflexão e denúncias (Oliveira, 2019).

A imprensa alternativa pode ser definida como um meio que permite fomentar o debate público e tratar de assuntos com temas e personagens mais diversos, fazendo com que a voz de uma parte mais ampla da sociedade seja ouvida. O mesmo ocorre pelo surgimento de novas formas de protagonismos midiáticos fora das estruturas das empresas de mídia, como as redes sociais.

A mídia alternativa cumpre um importante papel, dentre outros, de ampliar as vozes da esfera pública, agindo como um elemento problematizador do processo instituinte de determinadas vozes feito pela mídia hegemônica. Desta forma, o espectro de opiniões e de olhares sobre os assuntos se amplia, assim como há outros definidores das agendas públicas para além do estreito círculo das fontes oficiais (Oliveira, 2011, p. 11).

Portanto, o jornalismo alternativo pode ser entendido como que expresso por veículos noticiosos que não fazem parte de uma empresa ou conglomerado de empresas que tenham o lucro como objetivo final. Esse conceito de jornalismo pode ser considerado um movimento de base que só é possível fora do mercado convencional, como a imprensa hegemônica (Kucinski, 2003). Alguns exemplos de jornalismo alternativo e que muitas vezes se tornaram estudos de caso são *Brasil de Fato*, *Revista Fórum*, *Jornalistas Livres* e a revista *Caros Amigos*.

⁸ Agenda setting é uma hipótese criada por Maxwell McCombs e Donald Shaw que defende que o público tende a dar mais importância aos assuntos que tem maior exposição nos meios de comunicação, sugerindo que a mídia dita sobre o que o público falará.

De acordo com Bernardo Kucinski, nessa categoria de imprensa alternativa, os jornalistas conseguem se articular porque têm o mesmo desejo de praticar um jornalismo livre e que não reproduz as relações típicas da imprensa hegemônica. Dessa forma, eles conseguem atender às necessidades de expressão dos movimentos populares.

Para desenvolver essas narrativas contra hegemônicas, o protagonista é também o público consumidor – no caso das periferias, seus próprios habitantes. Dessa forma, os meios da contra hegemonia se configuram em “espaços de resistência aos grupos dominantes, cujo objetivo se baseia na disseminação de informação contraditória, sem almejar uma simples substituição na ocupação do lugar hegemônico” (Paiva, 2008 apud Coutinho; Marino, 2017, p. 6).

Na periferia, o jornalismo contra hegemônico se manifesta como uma saída encontrada para apresentar outras narrativas sobre o local e seus habitantes, transformando o jornalismo em uma forma de expressão da resistência.

2.3 Jornalismo nas periferias

As justificativas para o crescimento do jornalismo dentro das periferias são, inicialmente, a disseminação da tecnologia digital e a expansão de políticas públicas de acesso ao ensino superior, que marcaram o início desse século no Brasil. Na pesquisa de campo realizada pela jornalista Mara Rovida na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), a maioria das pessoas que atuam em veículos alternativos de comunicação são “jovens, entre 20 e 30 anos, são graduados em jornalismo, são moradores de bairros distantes dos centros estruturados da RMSP, atuam em diversas frentes de trabalho e refletem sobre seus fazeres comunicacionais de maneira engajada” (Rovida, 2020, p. 7).

A oportunidade do ensino superior fez com que esses novos profissionais pudessem formar uma consciência sobre como a mídia tradicional retratava seus locais de nascença e morada e, desse modo, abriu a possibilidade de contradizer essa abordagem, voltando para as periferias com o conhecimento necessário para a mudança. Aliado a esse fator, a disseminação da tecnologia digital, com o uso das redes sociais digitais como um local de comunicação e informação, possibilitou o surgimento de projetos comunicacionais dentro das periferias. Foram mapeadas 97 iniciativas de jornalismo periférico em São Paulo, segundo a

pesquisa *Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro*, produzida em 2019 pelo Fórum de Comunicação e Territórios de São Paulo⁹.

Com o conhecimento da vivência na periferia e as habilidades e competências adquiridas no ensino superior, os jornalistas desenvolvem suas pautas com base na reflexão sobre sua realidade e o compartilhamento dessas descobertas com o público, que é inicialmente a periferia. As reportagens carregam a intenção de combater estereótipos, mas também de mostrar os bairros periféricos para os próprios moradores, criando uma rede articulada de conhecimento.

Dotados de saberes corporificados pela experiência de vida nos territórios periféricos e dos conhecimentos técnicos, éticos e estéticos da profissão, os jornalistas das iniciativas estudadas ajudam a desconstruir os estereótipos que espoliam seus moradores, ao passo que enunciam a dinâmica e pluralidade cultural, cidadã, política, econômica que existem nessas realidades. Além disso, denunciam a violação de direitos que marca a trajetória de vida desses cidadãos, enquanto moradores de territórios distantes do centro, isto é, de onde o Estado se faz presente (Bezerra, 2021, p.3).

Do mesmo modo, o jornalismo na periferia busca explorar os diversos aspectos que o local pode oferecer, evitando as ideias de pobreza e carência que são pautadas pela grande mídia. As narrativas trazem compromisso com o território e com a diversidade de vozes e visões que fazem parte do contexto social (Rovida, 2020). Este compromisso faz com que as pautas sejam voltadas para as vozes dos moradores das periferias, evidenciando histórias e perspectivas que vão além do que o jornalismo hegemônico oferece atualmente.

Essa visão também pode ser compreendida a partir das dissertações e pesquisas que buscam analisar o jornalismo nas periferias e consequentemente esbarram na problemática da forma como o jornalismo hegemônico retrata as periferias. Luisa Tavares (2019), em sua dissertação de mestrado em sociologia política, explica as problemáticas do jornalismo convencional ao retratar as periferias.

Esse jornalismo não fala com e nem para as periferias. Com isso, as pessoas que moram nessas regiões não veem suas realidades retratadas de maneira justa, nem têm acesso a informações básicas que o jornalismo teria por missão fornecer: informações sobre seus problemas de infraestrutura, sobre sua história e seus acontecimentos, sobre seus eventos e suas produções culturais etc. (Tavares, 2019, p. 157).

⁹ Disponível em:

<https://gife.org.br/jornalismo-das-periferias-como-instrumento-de-democratizacao-da-comunicacao/>. Acesso em 24 set. 2023.

Desse modo, o jornalismo alternativo promovido dentro das periferias faz com que haja a cobertura de fatos do território, além de produzir narrativas que discutem a estrutura que afeta as periferias. Os jornalistas trazem os porquês das situações vividas ali dentro, possibilitando a discussão e desencadeando mudanças a partir dos desdobramentos.

Nos três casos observados na pesquisa de Tavares, *Agência Mural*, *ÉNois* e *Periferia em Movimento*, é perceptível a intenção de informar e gerar reflexão para as periferias, mas também ocupar espaços que antes não ocupavam, levando informação também ao centro. Como observado por Bezerra (2019), é interessante que os objetivos dos jornais das periferias seja ganhar visibilidade dos dois públicos distintos: elites e moradores de periferias.

Apesar de o foco ser em levar informação da periferia para a periferia, muitos jornais também surgem como fontes de pautas para a grande mídia, levando outra visão para aquele segmento de público, como uma estratégia de retirar os estereótipos retratados no jornalismo hegemônico. “O enfoque em pautar a grande mídia vem em parte dessa necessidade de chegar em públicos que eles sozinhos não alcançam, assim como agir diretamente na fonte de reprodução dos estereótipos via disputa de narrativas” (Bezerra, 2019, p. 145). Veículos como *BBC Brasil*, *Uol TAB*, *Nexo* e *Folha de S. Paulo*¹⁰ se transformam em pontos para levar a voz das periferias para o centro.

De fato, o jornalismo nas periferias se tornou uma ponte na qual os jornalistas criam espaços para que a informação se torne também conscientização. Esse movimento de transmitir e consumir informações é uma prova de que, cada vez mais, o jornalismo nas periferias é a ponte para a democratização da comunicação.

¹⁰ Esses veículos publicam os produtos jornalísticos de jovens alunos da oficina de formação em jornalismo do jornal periférico “ÉNois”. Desde 2016, o “ÉNois” seleciona um grupo de dez jovens, que recebem bolsa por um ano, para o qual oferecem aulas e encontros com jornalistas convidados, e que têm que entregar um produto jornalístico a cada três meses sobre um tema escolhido no início do processo. Esse produto frequentemente é publicado em veículos parceiros.

Considerações Finais

No desenvolvimento deste relatório, ficou evidente que é necessário estimular estudos acadêmicos sobre a produção nas periferias. Com apoio de autores referenciados nas temáticas dos tópicos desenvolvidos, foi possível aprofundar conceitos que basearam essa pesquisa bibliográfica e interligaram a história da periferia com a realidade relatada pelo jornalismo hegemônico, além das razões para o avanço do jornalismo dentro das periferias.

Os estudos sobre os conceitos de periferia, principalmente do geógrafo Milton Santos e do sociólogo Tiaraju D'Andrea, foram base para o entendimento de que a população desses locais ainda é vinculada a diversos estigmas. Essa visão, que foi moldada pela mídia durante anos, apenas reforça estigmas como o de que tais indivíduos possuem pouca intelectualidade e, consequentemente, pouca cultura.

No entanto, a virada nesse cenário de representação da população se dá justamente através da cultura da periferia. Quando *Racionais MC's* inicia sua explosão de sucesso, todos passam a ter acesso ao que é a periferia, com seus lados bons e ruins, o que desmistifica o imaginário de fora e constrói representatividade e orgulho para a população que está dentro.

Ao trazer a realidade do jornalismo da grande mídia, percebendo que ele só é possível dentro de um sistema capitalista, consolida-se a ideia de que o jornalismo alternativo é uma possibilidade horizontal, com o objetivo de suprir necessidades das quais o jornalismo tradicional não é capaz de dar conta.

As periferias sempre foram pontos de produção, mas sempre precisaram provar isso. Tiveram que provar serem capazes de produzir cultura nos anos 1990, com o movimento do hip hop; tiveram que provar serem capazes de escrever, recitar e ouvir nos anos 2000, com a literatura periférica e os saraus culturais; e no momento, provam serem capazes de produzir, noticiar e informar nesse movimento de jornais da periferia para a periferia. Tudo a partir da experiência e da sensibilidade. Eles são o centro. Deles e para eles.

5. REFERÊNCIAS

ASSIS, L. Virada Comunicação: como coletivos de comunicação das periferias estão construindo uma nova forma de se comunicar. **Revista Anagrama**, v. 1, n. 12, São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/146727/140254>>. Acesso em: 31 mar. 2023.

BEZERRA, J. Jornalismo das Periferias: um fenômeno em ebulição. **Revista Alterjor**, v. 24, n. 2, p. 283-289, 2021. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v24i2p283-289. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/181589>>. Acesso em: 24 set. 2023.

BRONOSKI, M. CARVALHO, G. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Revista Pauta Geral**, v.4, n.1, p.21-39, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: < <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10007>>. Acesso em: 01 set. 2023.

COSTA, A. **A representação dos moradores das periferias pelo jornalismo periférico: análise cultural das publicações da Agência Mural no contexto da Folha de S. Paulo**. 2021. Monografia (Bacharel em jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33361/1/Representa%c3%a7%c3%a3oMoradoresPeriferias.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2023.

COUTINHO, I; MARINO, C. Ambiente digital como possibilidade para o exercício da contra-hegemonia: Jornalistas Livres, transmissões ao vivo e #GreveGeral. **Revista Pauta Geral**, v.4, n.1, p.30-52, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: < <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10010/5815>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

D'ANDREA, T. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. 309 f. Tese (Doutorado em sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/en.php>>. Acesso em: 17 mai. 2023.

DE MORAES, D. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, v.4, n.1, p.54, 2010. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/12420>>. Acesso em: 01 set. 2023.

FREDERICO, C. Da periferia ao centro: cultura e política em tempos pós-modernos. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/rkzyQxcyYdNW5XXmtr7FVJj/?lang=pt>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 1 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A.,1987.

GUIMARÃES, L. Periferia e Espaços Periféricos: Notas Gerais. **Revista Perspectiva Geográfica**, v. 10, n. 13, p. 109-118, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/15080>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

Jornalismo das periferias como instrumento de democratização da comunicação. **Gife**, 2021. Disponível em: >

<https://gife.org.br/jornalismo-das-periferias-como-instrumento-de-democratizacao-da-comunicacao/>>. Acesso em: 24 set. 2023.

KOPPER, M; RICHMOND, M. Apresentação: situando o sujeito das periferias urbanas. **Novos Estudos**, v. 39, n. 1, p. 9-17, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/B5ZST9NYwDt8x8Cb6tQ4Xhv/?lang=pt>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**. ed. 1, São Paulo: Página aberta, 1991. Disponível em: < http://marcosfaerman.com.br/1991_JornalistasRevolucionarios.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2023.

MADEIRA, Z.; GOMES, D. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. **Serv. Soc**, n. 133, p. 463-479, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/FmSRPNQZhrqz9mMVWTJnwqP/?format=pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

MAFRA, J. Ler e tomar notas: primeiros passos da pesquisa bibliográfica. **O Alferes**, Belo Horizonte, 1992. Disponível em: <<https://revista.policiamilitar.mg.gov.br/index.php/alferes/article/view/555>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

MARTINI, M. As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo. **Extraprensa**, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/149085>>. Acesso em: 31 mar. 2023.

OLIVEIRA, D. Breves reflexões sobre jornalismo alternativo. **Alterjor**, v.2, n.20, p.2-4, São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/159938>>. Acesso em: 01 set. 2023.

OLIVEIRA, D. Jornalismo alternativo: um potencial para a radicalização da democracia. **Signo y pensamiento**, v.30, n.58, p.52-63, São Paulo, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48232011000100004>. Acesso em: 2 set. 2023.

PAIVA, R. Contra-mídia-hegemônica. In: COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). **Comunicação e contra-hegemonia: Processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência**, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em: < <https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/comunica%C3%A7%C3%A3o-e-contra-hegemonia-processos-culturais-e-comunicacionais-de-contesta%C3%A7%C3%A3o-press%C3%A3o>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PIZZANI, L. et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28>. Acesso em 15 mai. 2023.

REIS, M. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Vozes e Diálogo**, v.16, n.01, p.193-204, Itajaí, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/9455>>. Acesso em: 2 set. 2023.

ROVIDA, M. As periferias pelos periféricos – em busca de uma outra narrativa. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, n. 16, 2018, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/40852546/As_periferias_pelos_perif%C3%A9ricos_em_busca_de_uma_outra_narrativa>. Acesso em: 2 abr. 2023.

ROVIDA, M. Jornalismo das periferias: uma pesquisa de campo na Região Metropolitana de São Paulo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-11, 2020. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/37004/26474>>. Acesso em: 2 abr. 2023.

SOUZA, L. C. A. de. **A periferia na grande mídia brasileira**: uma análise discursiva. 2017. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Narrativas Visuais) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/19769>>. Acesso em: 2 abr. 2023.

TANAKA, G. **Periferia: conceito, prática e discursos**. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-26052010-133856/pt-br.php#:~:text=A%20no%C3%A7%C3%A3o%20de%20periferia%20%C3%A9,por%C3%ADtico%20autorit%C3%A1rio%20e%20centralizador%2C%20para>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

TAVARES, L. **O jornalismo das periferias de São Paulo entre a experimentação e a atualização de práticas convencionais**. 2019. 180 f. Dissertação (Mestrado em sociologia política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215721>>. Acesso em 24 set. 2023.

TRAINA, A; TRAINA JUNIOR, C. Como fazer pesquisa bibliográfica. **SBC Horizontes**, ago. 2009. Disponível em: <https://homepages.dcc.ufmg.br/~mirella/DCC851/Exemplos%20Artigos/_comoFazerPesquisasBibliograficas.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2023.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

LUCA RIBEIRO GUERRA

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**AS MARGENS TAMBÉM TÊM ESPAÇO:
A LITERATURA PERIFÉRICA NAS MÍDIAS DIGITAIS**

**CAMPINAS
2023**

Luca Ribeiro Guerra

PROJETO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**AS MARGENS TAMBÉM TÊM ESPAÇO:
A LITERATURA PERIFÉRICA NAS MÍDIAS DIGITAIS**

Projeto individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO PROJETO EXPERIMENTAL da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti.

**CAMPINAS
2023**

1. Introdução

No fim dos anos 90 e início dos anos 2000, a literatura marginal, que surgiu nos 70 como movimento de contracultura, ganhou uma ramificação que se intensificou e começou a adquirir espaço nas décadas seguintes: a literatura periférica. Como bem apontaram Souza e Subrinho (2020, p. 49-50), “A literatura marginal 90/00, assim como a da década de 1970 têm em comum o cunho social, de manifestação e protesto, contudo distanciam-se pelos meios e modos de produção, bem como pela origem do lugar de fala”.

Autores desse gênero começaram a entender que seus espaços, suas formas de expressão e suas vozes eram reprimidas pelas classes mais favorecidas da sociedade. Decidiram então criar algo que fosse deles, produzido e consumido por eles. Os temas dos livros não seriam os de romances convencionais, e sim a vivência da periferia, a cultura negra e as dificuldades enfrentadas pelas classes menos favorecidas. Desse modo, os escritores, em um movimento de afirmação, atribuem uma conotação positiva para a palavra periferia, gerando uma nova representação, necessária para desconstruir estigmas dessa população. Sobre essa autovalorização, Leite aponta:

O caso em questão aqui não dispensa o termo periférico, porém dá a ele um significado positivo de afirmação, dessa forma, inclusive, a cultura popular na sua relação com a cultura de periferia nos permite forjar o termo “cultura popular periférica”, atribuindo assim o aspecto urbano inerente ao adjetivo “periférico” (Leite, 2014, p.4)

Porém, em função de essa modalidade literária combater diretamente o modelo editorial tradicional, ela também precisa quebrar o cenário elitizado que permeia os produtores e consumidores de literatura no Brasil. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, da Fundação Pró-Livro, realizada em 2016, a porcentagem de consumidores de literatura na classe A é de 63%, enquanto nas classes D e E é de apenas 13%. Essa discrepância se dá pelo alto preço dos livros e pela desigualdade na educação formal do país, principal porta de entrada para o hábito da leitura. Por exemplo, o salário mínimo no Brasil em 2022 era de R\$ 1.212, enquanto o preço médio do livro, no mesmo ano, chegava a R\$ 44,66, evidenciando a dificuldade na compra dessas obras, já que uma pessoa de classe trabalhadora usa o salário mínimo para custear moradia, alimentação e outras necessidades básicas.

Por isso, com a necessidade de achar outros meios para expor suas obras, os autores periféricos recorrem a editoras fundadas por eles mesmos, a saraus literários e principalmente, às mídias digitais. No universo online, o processo físico de produção do livro tem custo zero, o que corta gastos e elimina gargalos, permitindo à população periférica um maior acesso à literatura.

Essa conexão gerada entre usuário e produtor vem do ciberespaço, definido como uma rede que conecta todos os computadores e permite a seus usuários trocarem dados e informações sobre qualquer assunto (Martino, 2014, p. 21).

Levando em conta a relação entre a literatura periférica e as mídias digitais, nossa pesquisa procura apresentar e analisar como os autores da literatura periférica, em seus diferentes contextos sociais, se apropriam das mídias digitais para assim conseguirem um local de expressão em que podem ser ouvidos pelo seu público, enquanto combatem os estigmas e preconceitos atribuídos à população periférica pela sociedade. Isso será feito por meio de tópicos teóricos que abordam a literatura periférica e suas características; o uso das mídias digitais e os espaços criados por ela. Por fim, buscamos responder como a mídia é apropriada pela literatura periférica.

Para atingir tal objetivo, esse trabalho adota pesquisa bibliográfica, tendo como base textos de outros autores. Buscamos, com o método o aprofundamento dos elementos que cercam o tema, com o objetivo de melhor compreendê-lo, problematizá-lo e tensioná-lo.

Revisão bibliográfica é, portanto, um aprofundamento do estudo sobre o assunto, e em particular sobre o tema. Trata-se de buscar nos autores e obras que tratam do mesmo tema ou temas próximos, suas contribuições no sentido de proporcionar ao pesquisador oportunidades de empreender de forma mais sistematizada suas reflexões sobre o tema em estudo (Tozoni-Reis, 2008, p. 104).

A recuperação dos textos para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica foi feita através da plataforma Google Acadêmico¹¹, com a procura das palavras-chave: “Literatura Periférica”, “Periferia”, “Literatura Marginal”, “Mídias Digitais” e “Periferia nas Mídias”, entre os dias 07 de março e 27 de abril de 2023, além de outra pesquisa com as mesmas palavras, no dia 16 de agosto do mesmo ano. Por meio da revisão dos textos encontrados, vamos tecer uma interpretação própria de como é realizada a apropriação das mídias digitais

¹¹ Disponível em: https://scholar.google.pt/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0.5. Acesso em: 07 de março de 2023.

pelos agentes da literatura periférica, apontando ainda suas incoerências, obstáculos e avanços.

2. Revisão bibliográfica

A literatura periférica é um gênero de literatura que surge das periferias dos centros urbanos, com o caráter central de representar a vida nas favelas e nas comunidades marginalizadas, além de focar as dificuldades da população que vive nesses espaços. Sendo assim, autores do gênero passam a usar sua escrita como forma de expor seus problemas para pessoas que vivem o mesmo cotidiano que eles, ou para aquelas de outros espaços interessadas em entender essa realidade, fora do eixo hegemônico, desenvolvendo consciência social em ambos os grupos (Souza, Subrinho, 2020). Nota-se, assim, que o gênero tem suas características baseadas na luta contra os preconceitos sofridos pela população periférica, tornando-se um dos meios para combater uma sociedade excludente e desigual. Com a música e com as artes plásticas, a literatura periférica constitui um fronte que tem o objetivo de amplificar a voz de quem precisa ser ouvido e promover a discussão de uma nova lógica de pensamento, que ao longo do tempo possa gerar mudança de ideais (Leite, 2014; Brandão, 2020).

O gênero surge a partir da literatura marginal, criada nos anos de 1970 pelo movimento de contracultura, em que autores, geralmente jovens de classe média e alta, produziam textos fora do padrão da época, experimentando novas formas de expressão ao mesmo tempo que contavam os seus problemas, suas questões e suas críticas para a sociedade (Leite, 2014; Souza, Subrinho, 2020). Esses autores eram considerados marginais por questionarem o eixo principal da literatura, seus modos de escrita, a linguagem formal e os temas consolidados. Eles desconstróem esses parâmetros e começam a estruturar um novo modo de exposição de seus sentimentos, por meio da literatura.

No mesmo pensamento de amplificar a voz de grupos contra-hegemônicos, somados à crescente urbanização descontrolada das grandes metrópoles e o conseqüentemente aumento do número de pessoas marginalizadas nesses locais, surge no fim dos anos 90, a partir do conceito de literatura marginal, a literatura periférica. Agora, em vez dos jovens de classe alta, os autores do novo gênero começam a retratar as dificuldades de viver nas periferias, à

margem de uma sociedade que procura a todo momento excluí-los da cultura, política, economia e diversos outros âmbitos da vida em coletivo.

Para Perez e Przybylski (2016), esse movimento se torna visível porque a contracultura apresenta diversos diálogos possíveis com a cultura periférica. Os escritores e poetas estabelecem, assim, de forma clara, a relação que a arte tem com a luta das populações marginalizadas, e que não se limite à literatura.

Exemplo disso são as letras e as músicas de grupos como o OLODUM, que com sua batida percussiva única e inconfundível, diverte e encanta brasileiros e estrangeiros, mas preza também por transmitir uma mensagem de luta e resistência dos negros, dos pobres e favelados do nosso país, enfrentando as dificuldades de periferia com coragem e fé no futuro, esperança em melhores dias, afinal “o país tem solução” (Perez, Przybylski, 2016, p. 105).

Aqui no Brasil, os primeiros textos periféricos surgem das duas maiores cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro, inspirados em grande parte na primeira obra periférica nacional, o *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, a primeira escritora periférica do país. Essa principal obra, publicada em 1960, reunia registros de seus diários, nos quais descrevia a vivência das favelas.

Leite (2014) afirma que outro ponto importante para o surgimento da literatura periférica no país é o Rap, gênero de música que é elemento fundamental do Hip-Hop.

Presente no Brasil desde a segunda metade da década de 1980, o RAP se espalhou pelas periferias estimulando a criação poética entre os jovens e é, a meu ver, o fator mais importante de ressignificação positiva da periferia, base sobre a qual podemos hoje falar de cultura de periferia e, por extensão, de uma literatura periférica (Leite, 2014, p. 4).

Nesse contexto, a literatura periférica começa a ganhar espaço. Um dos principais marcos é o livro *Capão Pecado* (Schwarcz, 2000), de Ferréz. O livro conta a história de Rael, um jovem morador do Capão Redondo, bairro da zona sul de São Paulo, e suas dificuldades como habitante da periferia, tais como a violência policial, a alta taxa de criminalidade e a desigualdade econômica. “Capão Pecado mostrou ter originalidade e vigor literário o suficiente para se manter até os dias de hoje como uma obra de referência e um êxito de mercado com sucessivas reimpressões” (Leite, 2014, p. 8). Na obra, participações especiais aparecem nas aberturas de capítulos e nas orelhas do livro. Entre elas, se destaca a do rapper

Mano Brown, do grupo Racionais MC's, que também foram parte importante do desenvolvimento da literatura periférica no país.

De acordo com Leite, a literatura periférica no Brasil é dividida em duas fases. Ferréz começa a primeira, que tem ainda o nome de “literatura marginal”, por derivar dos movimentos de contra-cultura dos anos 70. É importante ressaltar que nem toda “literatura marginal” é periférica, porém toda literatura periférica é “marginal”. O período que começa com *Capão Pecado* vai até 2005, representando a expansão da literatura periférica e o surgimento dos primeiros grandes autores no Brasil. Um ponto que influenciou esse processo foi a parceria de Ferréz com a Editora Casa Amarela, que permitiu a publicação de um suplemento literário, lançado em três edições, como parte integrante da revista progressista *Caros Amigos – Literatura Marginal*, que surge na primeira década dos anos 2000, reunindo escritores de diversas regiões metropolitanas do país, não só São Paulo (Leite, 2014, p. 10).

O primeiro período é encerrado com a publicação de outro livro de Ferréz, *Literatura Marginal: Talentos da escrita periférica* (Agir, 2005), que trouxe autores para o meio editorial a partir de uma grande editora pela primeira vez, a fluminense Agir. A transição para o segundo período acontece por meio do fortalecimento do termo literatura periférica e de seus autores; com isso, consegue-se a sua emancipação da literatura marginal, tornando-a algo que represente a população das margens da cidade.

Esse segundo período é caracterizado ainda pelo começo da apropriação dos saraus culturais pela literatura periférica, e também pelo fato de os autores desenvolverem mecanismos para usar seus próprios recursos para a publicação editorial. O principal desses mecanismos foi a criação da Cooperifa, em 2001, em Taboão da Serra, pelos poetas Sergio Vaz e Marco Pezão. A cooperativa começou em um bar, mas depois de uma ameaça de despejo, se muda para zona sul de São Paulo, onde se popularizou, tornando-se o único sarau literário regular da cidade. A Cooperifa deu espaço para a população da periferia expressar suas dificuldades, para extravasar aquilo que políticos e as outras classes sociais não ouviam (Leite, 2014). Esse conceito influenciou outras iniciativas semelhantes no país, o que resultou em uma rica produção de textos periféricos, por novos autores.

Toda essa produção consolida os saraus como espaços de formação de escritores, para além de apreciadores de literatura e ratificam a tese de que os saraus hoje são o principal espaço de produção e difusão da literatura de periferia. Os saraus inclusive têm contribuído para um melhor equilíbrio de gênero, dada a razoável presença de mulheres nesses encontros. (Leite, 2014, p. 16)

Com todo o movimento causado pela Cooperifa, os saraus começaram a ser vistos como algo positivo. Cada vez mais pessoas se interessaram por eles e começaram a recitar poesias, vender seus livros independentes e formar coletivos de autores nesses lugares. O rumo da literatura periférica começa a se distanciar de algo ligado estreitamente a algo escrito, e sim a uma cultura oral de representatividade e combate.

Novos discursos ganham espaço, sejam eles manifestados pela música, pela prosa, pelo verso ou pelos tantos gêneros literários disponíveis. As tradições orais não estão mais apenas atreladas a uma literatura oral, na qual tudo deve estar ligado ao escrito. Os movimentos sociais surgem com manifestos de luta contra a opressão e os mais diversos tipos de preconceito e utilizam-se da música, da performance, da escrita e da voz para subverterem a ordem pré-estabelecida e demonstrar a importância de se olhar além (Perez, Przybylski, 2016, p. 113).

Levando esse processo de crescimento em conta, fica claro que os autores periféricos precisaram encontrar novos meios de divulgar suas obras e combater as organizações editoriais tradicionais. Assim, com a expansão do ciberespaço e do meio digital, esses sujeitos começam a enxergar oportunidades de garantir um lugar de fala, um canal para a amplificação de suas obras e de suas formas de expressão.

2.1. O Uso das Mídias Digitais

As mídias são definidas como os veículos de comunicação que transmitem ou recebem informações. Alguns exemplos são os jornais, a televisão e o rádio. Já as mídias digitais são os veículos que se utilizam do espaço de difusão de dados e informações conhecido como internet, um exemplo marcante são as redes sociais (Martino, 2014).

Miskolci (2011) e Martino (2014) destacam que, historicamente, o discurso das mídias sempre foi algo elitizado, representando as camadas mais altas da sociedade, deixando de lado e diminuindo as opiniões e dificuldades das comunidades periféricas. Porém, com a modernização e o avanço tecnológico registrado entre as décadas de 50 e 90 do século passado, ocorrem alguns processos que corroboram para que o discurso da periferia comece a ser difundido. Primeiro, acontece o processo de digitalização das mídias através da criação do “ciberespaço”, termo concebido pelo matemático Norbert Wiener, designando um espaço virtual em que os dados e informações são convertidos para dígitos. “Em uma mídia digital, todos os dados, sejam eles sons, imagens, letras ou qualquer outro elemento são, na verdade,

sequências de números. Essa característica permite o compartilhamento, armazenamento e conversão de dados” (Martino, 2014, p. 10).

A internet também passa por uma evolução chamada de WEB 2.0, um espaço com maior interatividade, conectividade e um sistema de colaboração entre os usuários, integralmente e em tempo real. As novas interações desse espaço resultaram na criação das redes sociais digitais (*Instagram, Facebook, Twitter*, entre outras) e da estrutura de informações colaborativas, como o *Youtube* e a *Wikipedia* (Pereira, 2013, p. 40). Assim, qualquer um que tenha acesso a internet pode publicar e divulgar informações sobre qualquer assunto.

Outro fenômeno que ocorre com a WEB 2.0 é a convergência de diversas informações de interesse pessoal, formando uma enorme teia de dados e mensagens, produzidas pelos próprios usuários. De acordo com Henry Jenkins, a convergência ocorre em todos os âmbitos dentro do ciberespaço, onde algum livro ou filme pode ter o seu universo expandido à medida que os consumidores interagem e produzem novos conteúdos a partir do produto original (Martino, 2014).

A convergência cultural acontece na interação entre indivíduos que, ao compartilharem mensagens, ideias, valores e mensagens, acrescentam suas próprias contribuições a isso, transformando-os e lançando-os de volta nas redes (Martino, 2014, p. 34-35).

Graças a esses avanços, à digitalização das mídias, ao surgimento da WEB 2.0, da convergência e a democratização da informação, a população marginalizada encontrou meios para divulgar suas dificuldades e a vivência nas periferias, passando a fazer parte com voz ativa nos debates sociais e políticos, alterando o processo de comunicação de “um para todos”, para “todos para todos” (Martino, 2014). Ao mesmo tempo, usam esses meios para fazer arte e divulgar sua cultura, a exemplo do que ocorreria com os autores da literatura periférica, que ganharam um novo espaço para difundir suas obras. Pereira (2013) destaca que as interações entre grupos com identidades étnicas, e os dispositivos técnicos de acesso à internet, corroboram para a participação cada vez maior de culturas e saberes locais nos circuitos digitais.

Portanto, o meio digital passa a funcionar como um amplificador, para que as vozes das periferias alcancem mais lugares e mais pessoas. Nascimento (2018) explica que, quando a literatura é inserida na internet, as características e ferramentas que ela dá pluraliza vozes e multiplica olhares, sempre renovando a produção de textos e contrariando o poder

hegemônico. Para a autora, “Com a emergência da internet e dos meios digitais, o campo literário agora tem possibilidades infinitas e imensuráveis” (Nascimento, 2018, p. 25).

Através da convergência e da evolução do sistema de interatividade, esses autores passam a interagir mais com seu público e com outros autores fora de sua periferia, estimulando um diálogo entre territórios e entre as comunidades, aperfeiçoando e ampliando esse tipo de literatura (Souza e Subrinho, 2020; Pereira, 2013). “A conexão digital desses grupos parece que, além de proporcionar a expressão das suas diferenças, lhes permite potencializar o fortalecimento dos seus vínculos sociais e a reelaboração dos seus repertórios culturais.” (Pereira, 2013, p. 15).

Sendo assim, fica clara a importância do surgimento das mídias digitais para literatura periférica, em que foi criado um espaço para que eles pudessem difundir e ampliar o escopo de suas obras, além de dialogar com outros autores, com o propósito de aumentar a influência deste gênero literário. Resta saber quais os mecanismos adotados e as características que esse gênero da literatura desenvolve dentro da internet.

2.2. Mecanismos e características da literatura periférica nas mídias digitais

A apropriação das mídias digitais pela literatura periférica consiste em mais do que apenas uma troca de espaço físico para a internet. É uma transformação dos processos criativos, da produção e da divulgação de obras, ou seja, uma ocupação cultural da internet. Brandão (2020) ressalta que a narrativa sobre a periferia em espaços midiáticos hegemônicos diminui as oportunidades de uma presença afirmativa dos sujeitos periféricos na sociedade, já que geralmente não abordam as narrativas do ponto de vista dos marginalizados, e sim das elites. Por esse motivo as mídias digitais, que se utilizam da internet, um espaço livre para todos, se tornam um espaço adequado para a difusão de suas narrativas próprias.

Dentre os textos recuperados para nosso estudo, observamos que alguns estudiosos elegem mecanismos que os autores periféricos utilizam para que os discursos de suas obras ganhem novos significados e novas formas. Nesse estudo, também são apontadas algumas características presentes, as quais serão tratadas ao longo deste tópico.

Nascimento (2018) explica que as escritoras periféricas e negras, além de expandir seu alcance, se apropriam das redes sociais como uma forma de arte, a **artemídia**. Afinal, toda arte é uma reflexão do período em que é feita e, diante de todas as transformações ocasionadas pela internet, por exemplo, a literatura se transforma em “ciberliteratura”

(Murray, 2003, p. 24 apud Nascimento, 2018, p. 24), devido ao digital e às redes sociais agora regerem as relações interpessoais, fazendo-se presente em diversos ambientes do cotidiano. Com isso, as escritoras percebem que só ao se adaptarem propriamente ao tempo em que vivem, elas conseguem desenvolver e evoluir suas obras, para que possam chegar a um ápice artístico, tanto de conteúdo como de alcance de público (Nascimento, 2018).

A artemídia faz que as expressões desses autores conversem entre si, causando uma expansão, não só de seu público, mas também de sua estrutura e de suas características, ou seja, alterando a forma com que, por exemplo, as autoras periféricas produzem suas obras, aumentando seu repertório e se repaginando.

São autoras que se apropriam das mídias digitais, com a intenção de transformar e intervir criticamente na sua função primária de puro entretenimento e, então, fazer delas espaço de reflexão, problematização e inquietação sobre temas caros à sociedade e à literatura em geral e à periférica, expandindo os limites e os recursos da arte literária, reinventando novas formas de se fazer e acessar a literatura (Nascimento, 2018, p. 25-26).

Já o **pensamento publicitário** (Brandão, 2020) predominante nas redes sociais começa a transformar engajamento em valor. Quanto mais interação e mais likes e compartilhamentos, mais os autores podem monetizar suas obras e arrecadar dinheiro. Antes do meio digital isso era algo muito restrito. Mesmo os grandes autores, como Sérgio Vaz e Ferréz, tinham dificuldade para publicar, monetizar e conseguir viver de suas produções culturais. Vale ressaltar que a monetização não é um dos objetivos da literatura periférica, mas o lucro é algo que indiretamente envolve tudo em uma sociedade capitalista. Portanto, essa forma de engajamento influencia o interesse dos autores periféricos para procurarem novas formas de suas obras serem vistas e seus discursos ouvidos.

O pensamento publicitário também dá aos autores uma autonomia de suas próprias narrativas, que se manifesta nos “longos créditos finais do videoclipe em que sujeitos periféricos são diretores dos vídeos, roteiristas, modelos e atores” (Brandão, 2020, p. 12-13). Essa autonomia permite a emancipação ao discurso hegemônico da mídia tradicional, pois a narrativa passa a ser dos próprios indivíduos que vêm da periferia, ou seja, cumprindo o principal objetivo da literatura periférica.

Com a utilização desses mecanismos, características próprias da literatura periférica na internet começam a aparecer, sendo a **coletividade** a principal delas. As histórias contadas não mais apresentam a visão de apenas um indivíduo, mas sim a experiência de qualquer um

que viva aquelas situações nas periferias, gerando identificação e pertencimento (Brandão, 2020; Souza e Subrinho, 2020).

A **comum multidão** (Negri, 2015 apud Brandão, 2020, p. 10) pode ajudar a explicar a coletividade. Para a autora, a conexão entre o território e a vida de uma população, em geral, se dá através da diversidade e interação entre singularidades, e não algo individual e fixo. Então, uma multidão periférica passa a afetar a si própria, o que consequentemente afeta a produção de obras e de conteúdos na internet, já que, ao enxergar uma poesia que é semelhante ao que vivem no cotidiano, uma pessoa ou um grupo começa a querer ou produzir algo parecido.

O texto de Brandão (2020) estuda a gravadora Lab Fantasma, na qual fica evidente o pensar publicitário e a estrutura coletiva-colaborativa. Graças à internet, a Lab Fantasma construiu ao longo dos anos uma rede de conexão entre artistas periféricos, criando perfis nas redes sociais e um site com notícias, lojas de vestimentas, projetos culturais e parcerias com marcas. A coletividade é presente na parceria entre artistas em projetos culturais e como eles ajudam na produção de mais músicas ou outros produtos. Já a monetização e o pensamento da publicidade na loja de roupas referenciam a cultura periférica e a parceria com marcas, a fim de agregar valor tanto aos artistas, como à própria marca.

A periferia também consegue fazer bom uso dos recursos audiovisuais, transformando e adaptando algumas de suas manifestações culturais, como a batalha de rima e o “Slam”, prática de poesia oral em que os participantes têm três minutos para declamar suas produções, com performance corporal e de voz. Essas expressões, por possuírem caráter visual e apresentações carregadas de significado por quem participa, ao serem transmitidas ao vivo, constroem uma sensação de **semipresencialidade** (Souza e Subrinho, 2020, p.56), aproximando os espectadores que podem estar do outro lado país, mas mesmo se sentirem próximos de corpo e mente das performances. Essa sensação, quando complementada pela “multimodalidade” (Souza e Subrinho, 2020) de recursos, característico das mídias digitais, permite que texto, som e imagem somados construam um espaço em que a periferia possa se sentir incluída e livre para se expressar. Ao se sentirem identificados, as vozes geram um ânimo, uma força motriz para também participarem e contarem suas próprias histórias.

Para Lévy (1996 apud Souza e Subrinho, p. 55), os textos virtuais permitem um alongamento dos seus sentidos. Com a literatura periférica não é diferente, na qual muitos autores acabam dando novos escopos para suas obras. Além disso, como a plataforma se mostra útil e mais igualitária que os processos editoriais tradicionais, eles acabam usando a

internet primeiro para publicação e divulgação de seus trabalhos. Após um período, se a obra tiver alcançado interesse suficiente, a edição impressa é finalmente publicada (Souza e Subrinho, p. 55).

Então, como podemos observar, a liberdade gerada pela internet permite à periferia tomar o controle do meio de produção de suas obras, não mais sendo necessário o meio editorial tradicional ou as editoras independentes. Junto a isso, começam a transformar a literatura periférica conforme se adaptam ao novo ambiente das mídias digitais.

3. Considerações finais

O presente trabalho teve o objetivo de apurar como a literatura periférica se apropria das mídias digitais através de uma revisão bibliográfica. Primeiro, explicamos o que é a literatura periférica e como ela surgiu no Brasil, nos grandes centros urbanos do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, devido ao seu intenso processo de urbanização, que acabou marginalizando as camadas mais pobres. O gênero surge nesse contexto de marginalização junto ao movimento musical hip-hop, permitindo que a voz dos indivíduos cansados e revoltados com a desigualdade socioeconômica e o preconceito estrutural do país seja ouvida. Nos textos recuperados, fica claro que a literatura periférica não procura relatar o que acontece, mas transformar as periferias e seus moradores a partir das histórias contadas nas obras.

A partir disso apresentamos a relação entre essa literatura e o uso das mídias digitais, em que fica evidente a importância e a necessidade dessa relação para uma expansão do gênero. Apesar de serem escassos os textos que discutam essa relação, todos os estudiosos que pesquisaram acerca do tema afirmam o quão impactante a internet foi para a literatura periférica. Ressaltam de forma majoritária o termo “mídias digitais”, que engloba todos os veículos de mídia que usam a internet como espaço de difusão de informações.

Os textos analisados destacam os mesmos pontos quando abordam essa apropriação e as características que dela surgem, como a semipresencialidade e a comum multidão. Porém, é interessante observar que as mídias digitais não só proporcionaram elementos novos, como intensificaram outros, como a coletividade, que foi a maior beneficiada do grande alcance da rede de informações, estabelecendo uma narrativa mais potente dentro da internet.

Dessa forma, podemos concluir que literatura periférica surge para dar voz aos sujeitos marginalizados, apropriando-se da narrativa que antes era só das elites, gerando assim um sentimento de pertencimento, de identificação e de força. Depois, com o

surgimento da internet como meio de democratizar a informação, a literatura periférica passa a tomar controle do meio de produção, para publicar suas obras, deixando de depender do cenário editorial, que historicamente não dá espaço para esse tipo de literatura.

Assim, ocorre uma união entre narrativa e produção, expandindo o alcance de difusão das obras para outras periferias, o que forma uma rede de conexão e uma identidade periférica. Por fim, destaca-se que, com a ocupação das mídias digitais, esse gênero da literatura se inova e se expande, garantindo cada vez mais protagonismo para as populações marginalizadas.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, V. Das margens ao centro: projetos estéticos de emancipação e estratégias de incursão de narrativas periféricas no circuito midiático. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020 virtual. **Anais Eletrônicos [...]** Belo Horizonte, 2020.. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/37510>. Acesso em: 28 mar. 2023.

CARDOSO, G. **A Mídia na Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DE CAMPOS TOZONI-REIS, M. F. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed.. Curitiba : IESDE Brasil S.A., 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed.. São Paulo: Atlas, 2002

LEITE, A. E. Marcos fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo. **Revista Estudos Culturais**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98368>. Acesso em: 7 abr. 2023.

MAIS de 33 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz pesquisa. **G1**, 21 de março de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 17 ago. 2023.

MARTINO, L. **Teorias das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MISKOLCI, R. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Revista Cronos**, Natal, v. 12, n. 2, 2011.

NASCIMENTO, L. S. **Autoras periféricas em mídias alternativas**. 2018. 255 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35125>. Acesso em: 28 mar. 2023.

PEREIRA, E. S. **O local digital das culturas**: as interações entre culturas, mídias digitais e territórios. 2013. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Arte,-Universidade de São Paulo, 2013.

PEREZ, V. V; PRZYBYLSKI, M. P. A relação contracultura e literatura periférica nos grupos de jovens das favelas brasileiras: diálogos possíveis. **Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, v. 1980, n. 21, p. 100-115, jan-jun. 2016.

RODRIGUES, P. "Livro no Brasil é caro, elitista e excludente", diz cocriador da Flup. **Ecoa UOL**, São Paulo, 22 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/22/livro-no-brasil-e-carro-elitistas-e-excludente-diz-cocriador-da-flup.htm>. Acesso em: 7 abr. 2023.

SOUZA, J; SUBRINHO, A. Literatura Periférica em Contextos de Mídias Digitais. **Revista Imersão**, Capim Grosso, v. I, n. 1, p. 47-57, jul. 2020. Disponível em: <https://fcgba.com.br/revista/index.php/1/article/view/6>. Acesso em: 28 mar. 2023.

TAXAÇÃO de livros no Brasil e suas consequências. **Portal ESPM Jornalismo**, Rio de Janeiro, 3 de setembro de 2020. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/sem-categoria/taxacao-de-livros-no-brasil-e-suas-consequencias/>. Acesso em: 7 abr. 2023.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

VINICIUS DE SOUZA BRAGA

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**A JUVENTUDE PERIFÉRICA:
REPRESENTAÇÕES NO JORNALISMO DA GRANDE MÍDIA**

**CAMPINAS
2023**

Vinicius de Souza Braga

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**A JUVENTUDE PERIFÉRICA:
REPRESENTAÇÕES NO JORNALISMO DA GRANDE MÍDIA**

Relatório de pesquisa individual apresentado à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO PROJETO EXPERIMENTAL da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti.

**PUC-CAMPINAS
2023**

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a revisão bibliográfica acerca da representação da juventude periférica pela grande mídia. O conceito de juventude pode ser compreendido a partir da Lei 12.852/2013, que considera jovens as pessoas com idade dentre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos. No entanto, a marcação etária não é suficiente para a compreensão da complexidade que envolve a vivência dos jovens. Para José Machado Pais (1990), a juventude pode ser compreendida como um conjunto social formado por indivíduos que pertencem a uma determinada fase da vida e que, embora compartilhem interesses mútuos e semelhantes de dada faixa etária, apresentam também características muito diversas, visto que são de diferentes classes sociais. Por isso, têm diferentes oportunidades no mercado e ocupam distintas posições de poder. Já sobre a periferia, a compreendemos como sendo uma área geográfica, que é caracterizada principalmente pela pobreza, instabilidade e afastamento do centro (D'Andrea, 2020).

Com base na pesquisa bibliográfica, discutiremos qual o retrato da juventude periférica, e os seus significados construídos na grande mídia – que atua como um dos principais veículos de criação e propagação de sentidos, com estruturas discursivas preestabelecidas:

O discurso midiático é uma das produções que compõe essas engrenagens discursivas na contemporaneidade, produzindo uma série de efeitos sobre o tecido social. Partindo da premissa de que a mídia ‘tem lado’, de que ela se insere num campo político, compartilhando elementos inerentes e/ou intrínsecos a um grupo, e de que é atravessada por interesses daqueles que a financiam, os discursos por ela disseminados são versões da realidade – localizadas e parciais – e tem como um de seus efeitos a construção de enunciados com estatuto de verdade (Piveta, 2018, p. 68).

A grande mídia, de maneira geral, trabalha com consensos sociais por ela estabelecidos, propagados e mantidos, como estereótipos de minorias e povos marginalizados. O mesmo se dá com a juventude periférica, que é retratada como jovens ameaçadores, violentos e envolvidos com o crime.

A mídia, de maneira geral, usa estereótipos para tratar os temas relacionados às minorias no Brasil. Negros, movimentos sociais, mulheres e homossexuais são frequentemente vítimas de textos jornalísticos preconceituosos. Com a juventude isso não é diferente. E tal situação é ainda agravada quando o jovem é negro e morador da periferia. As favelas são, muitas vezes, colocadas como espaço exclusivo de violência e os jovens negros como seus principais agentes (Silva, 2008, p. 5).

Com base nesse cenário, este estudo pretende recuperar como a grande mídia retrata a juventude periférica nos noticiários para entender qual o papel da imprensa na estigmatização desses jovens, qual é o significado da periferia nessa construção e como essas representações repercutem na compreensão social a respeito dessas pessoas. Para tanto, num primeiro momento, refletiremos sobre os conceitos de juventude e, especialmente, juventude periférica, abordando seu contexto e suas particularidades. Posteriormente, discutiremos o que é a grande mídia e qual seu papel na sociedade no que tange a criação e reprodução de discursos e narrativas, para então, a partir desse prisma, compreender qual a representação da juventude periférica nesses veículos, entendendo como ela contribui para a formação ou desconstrução de estereótipos e reforço de preconceitos.

Acerca da metodologia, utilizamos a revisão bibliográfica. Para Antonio Carlos Gil (1987), a pesquisa é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (Gil, 1987, p. 17). Segundo Eduardo Moresi (2003), para realizarmos um projeto de pesquisa, basicamente seguimos três fases: primeiramente, a etapa decisória, na qual definiremos o tema, o enfoque e a delimitação do problema da pesquisa; segundo, a fase construtiva, a qual remete à elaboração de um plano de pesquisa, e “à execução da pesquisa propriamente dita”; e, por fim, à fase redacional, em que analisamos os dados obtidos e contidos na fase construtiva, e organizamos as ideias de forma racional e sistematizada para entrega da pesquisa final (Moresi, 2003, p. 11).

Neste projeto, tendo já definido o tema e o problema, o método escolhido para o desenvolvimento desse trabalho é a pesquisa bibliográfica. Segundo Pizzani et. al. (2012), ela caracteriza-se como a revisão do que já foi escrito sobre o tema que norteia a pesquisa.

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes (Pizzani et. al., 2012, p. 2).

Para Antonio Carlos Gil, a pesquisa bibliográfica, por suas características, se destaca em estudos com perspectiva histórica, ou seja, não há uma maneira de conhecer os fatos passados sem uma pesquisa pautada na revisão bibliográfica (Gil, 1987, p. 45). Como o tema do presente trabalho requer uma base histórica para entender um problema que não se esgota no factual, mas, pelo contrário, tem suas raízes em questões históricas, como as periferias e a mídia, surge a necessidade de um método que dê conta da complexidade e da historicidade

dessas questões. O autor ainda classifica as fontes bibliográficas em: livros (de leitura corrente e referência), publicações periódicas (jornais e revistas) e impressos diversos (Gil, 1987, p. 44).

Para encontrar uma bibliografia que dê conta do tema, foi realizada pesquisa na ferramenta do Google Acadêmico¹², pesquisando os termos-chave “periférica”, “juventude”, “juventude periférica”, “grande mídia”, “periferia”, “representação da juventude”, “conceito de periferia”, “mídia mainstream”, “mídia e representação” e “retrato da periferia” no período compreendido entre 21 de abril a 12 de agosto de 2023. Foram encontrados 19 documentos, entre artigos, teses, dissertações e livros, devidamente referenciados ao final deste trabalho.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. A grande mídia

Segundo Venício A. de Lima (2004), doutor em Comunicação pela Universidade de Illinois, a mídia pode ser compreendida como instituições que, em conjunto, utilizam tecnologias para a realização da comunicação humana (Lima, 2004). O autor ressalta que as instituições midiáticas sempre implicam na presença de dispositivos técnicos intermediários para a comunicação, ou seja, atuam como mediadores. Ele aponta que, especificamente ao falar de mídia, estamos nos referindo a todas as emissoras de rádio e televisão, jornais e revistas, cinemas e outras instituições diversas que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação "de massa", ou seja, visam alcançar uma grande quantidade de receptores (Lima, 2004, p. 50). A partir desse prisma, entendemos a grande mídia, ou mídia *mainstream* como veículos que, dada à sua ampla abrangência, exercem influência sobre uma grande quantidade de pessoas.

A grande mídia desempenha um papel fundamental na construção de sentidos e representações, por meio dos discursos que é capaz de produzir (Gregolin, 2007). Tomaremos a definição de discurso de acordo com Gregolin, que se vale do conceito de arqueogenealogia, de Foucault, compreendido como sendo a prática social que constrói sujeitos e objetos. Ou seja, a produção de identidades por meio da prática discursiva da mídia (Gregolin, 2007, p. 3).

Pensando a mídia como prática discursiva, produto de linguagem e processo histórico, para poder apreender o seu funcionamento é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito aí assinaladas, as

¹² Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>.

materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória. Trata-se, portanto, de procurar acompanhar trajetos históricos de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia (Gregolin, 2007, p. 3).

Portanto, a mídia atua pautando o que é dito (e o não dito), de que forma é dito, para quem e por quem é dito, para então, construir a realidade, as subjetividades e as identidades (Souza, 2017). Segundo Venício A. de Lima, o principal papel da mídia é a construção da realidade por meio de representações que faz do mundo:

O papel mais importante que a mídia desempenha decorre do poder de longo prazo que ela tem na construção da realidade através da representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana – das etnias (branco/negro), dos gêneros (masculino/feminino), das gerações (novo/ velho), da estética (feio/bonito) (Lima, 2004, p. 51).

Lucas Corte Alves de Souza, especialista em Narrativas Visuais pela Universidade Federal do Paraná, em seu texto *A periferia na grande mídia brasileira: uma análise discursiva*, destaca o papel e a importância da mídia como uma “mediadora simbólica”, construtora de sentidos, capaz de orientar, reforçar determinadas pautas em detrimento de outras, propor abordagens e estabelecer e moldar cenários sociais e políticos (Souza, 2017).

Entendendo o poder que a mídia tem sobre a construção e representação da realidade, devemos olhar e avaliar quem detém o controle dessa mídia tão poderosa. Segundo Lima (2001), 90% da mídia brasileira está disposta nas mãos de 15 grupos familiares. A grande mídia brasileira está concentrada em conglomerados, em posse de poucas famílias. De acordo com o relatório anual *Liberdade de imprensa no mundo*, da organização Repórteres Sem Fronteiras, o Brasil ficou em 104º no quesito liberdade de imprensa num ranking com 180 países. Segundo o relatório, “a propriedade dos meios de comunicação continua concentrada em mãos das famílias mais ricas” (Lopes, 2017, p. 124).

A partir desse cenário, Fernando Antônio Azevedo, doutor em Ciência Política pela USP, em seu texto, *Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político*, afirma que é plausível argumentar que a falta de variedade em nosso sistema midiático está intrinsecamente ligada à histórica relação da mídia com as elites, em especial os principais jornais. Isso amplifica a habilidade dos diversos setores influentes junto ao público em pautar assuntos e problemáticas nos veículos de imprensa e, por meio deles, na opinião pública. (Azevedo, 2006).

Lucas Corte Alves de Souza (2017) realizou uma análise discursiva identificando as representações pautadas pela grande mídia, em que uma delas é a representação da periferia e seus atores. Em seu texto *A Periferia na Grande Mídia Brasileira: Uma Análise Discursiva*, Souza identificou que a representação da periferia apresentada nas notícias é prejudicial e nociva. Ao reiterá-la, os telejornais e uma parte da mídia de grande alcance no Brasil consolidam a visão social de que o indivíduo proveniente de áreas periféricas é desprovido de civilidade e propenso à violência. Essa perspectiva concretiza a situação no momento em que a notícia é divulgada, algo viabilizado pelas preconcepções estabelecidas sobre as periferias brasileiras (Souza, 2017). Segundo o autor “a maioria das notícias se enquadra em uma linha ideológica de apoio ao status quo vigente, não deixando espaço para identificação de outras questões ao grupo social periférico que não façam referência à violência” (Souza, 2017, p. 19). Veremos, na próxima seção, o que de fato é a periferia, seus sentidos e seus atores, para posteriormente, entendermos a representação que a grande mídia faz da juventude periférica.

2.2. O que é periferia?

Segundo Tiaraju D’Andrea (2020), doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado na mesma área, o termo “periferia” ganhou destaque ao ser utilizado nos debates econômicos das décadas de 1950 e 1960, que abordavam a relação das economias centrais com os países da periferia do capitalismo. A partir dessa definição, podemos notar a noção de distância geográfica em relação ao centro que o termo periferia carrega, porém não se limitando apenas à questão geográfica, mas também a atributos que o conceito expressava: “local de violência e pobreza, mas com solidariedade e potências” (D’Andrea, 2020, p. 23).

Assim, segundo o autor, a periferia pode ser definida como um “território geográfico cujas principais características eram pobreza, precariedade e distância em relação ao centro” (D’Andrea, 2020, p. 20). Correa (1986) também reforça o caráter geográfico do termo “periferia”, que segundo ele, pode ser compreendida como a área da cidade que se situa, em termos espaciais, nas margens do espaço urbano (Correa, 1986).

Já para Brito et. al. (2016), a noção de periferia também é pensada sempre na relação centro-periferia, mas afirmam que, além disso, o termo carrega o sentido de que as pessoas que residem nessas áreas são consideradas violentas e vinculadas ao crime. Segundo ele, essa percepção é fruto de uma construção semântica realizada pela mídia, durante as décadas de 80 e 90:

Ao mesmo tempo em que afirmamos a pertinência e necessidade dessa problematização, partimos do princípio, neste texto, concordando com Ananda Stücker, que a noção de periferia, tanto quanto a de favela, acabou se configurando como um “tipo ideal” “na compreensão da espacialização da pobreza nas cidades brasileiras”, narrada na televisão, no cinema e na mídia em geral como o “locus privilegiado e visível da desigualdade social no país”, com imagens que modelam o imaginário social e político contemporâneo (Brito et. al., 2016, p. 2).

Para Takeiti e Vicentin (2019), apesar da ordem geográfica que o termo periferia representa, ele também deve ser pensado por meio de sua representação política, social, histórica, afetiva, cultural e de pertencimento. Sob essa perspectiva, podemos dizer que “não é possível definirmos uma única forma de conceber a periferia a partir de uma dimensão limitada de território físico da pobreza” (Takeiti; Vicentin, 2019). Remetendo a Santos (2000), os autores dizem que a compreensão deve levar em conta a dimensão social e as subjetividades desse território:

Nessa perspectiva, entendemos a subjetividade a partir de uma constante produção coletiva e plural desse território. São modos de viver, de sentir e se afetar nesses espaços. Modos de olhar o mundo e a si mesmo, de se apaixonar, de construir amizades e desfazê-las. Modos de cozinhar, apreciar e degustar. Jeitos de ouvir, falar, pensar. São muitas as experiências subjetivas territoriais. São fabricações em multiplicidades. Fogem a qualquer contorno ou delimitação, bem como a uma teorização ou explicação universal e totalizante (Takeiti; Vicentin, 2019, p. 257).

Ainda segundo D’Andrea (2020), a partir dos anos 1990, a conceituação de periferia se dividia em três vertentes: a da academia; a da indústria do entretenimento, que explorou durante décadas o que o autor chama de estética da pobreza; e a dos próprios moradores das periferias, que passaram a desconstruir os significados preponderantes. Nesta última vertente, o termo periferia ganha um novo sentido, e é “quando a periferia conceitua periferia”, e a “enunciação desse termo passa a ser usado para denunciar as condições sociais, unir as quebradas e pacificar esses territórios” (D’Andrea, 2020, p. 23).

A partir desse contexto, a juventude periférica passar a fazer frente a representações que a mostram como jovens ameaçadores, violentos e envolvidos com o crime (Silva, 2008). É por meio de alguns movimentos e criações culturais e formas de expressões oriundos da periferia, como o *hip hop*, a literatura periférica e marginal, os saraus e as produções audiovisuais que os indivíduos periféricos “agenciam diferentes maneiras de produzir suas identidades, rompendo com a referência dominante dos discursos em torno da imagem de jovem pobre, popular urbano, vitimizado e perigoso” (Takeiti; Vicentin, 2019, p. 259).

Portanto, a periferia, para os jovens que lá vivem, não se limita apenas à extensão geográfica, mas, além disso, se refere a um “território de existência”, no qual as identidades e subjetividades são construídas e reconstruídas diariamente. E eles expressam, por meio da música, da arte, da poesia, dos desenhos, no corpo, na linguagem e na estética, seus modos de ser e estar no contexto e espaço periférico (Takeiti; Vicentin, 2019, p. 259).

São jovens que produzem saberes, colocam em prática as experiências de recusa à exclusão e marginalização, tensionam outros discursos sobre a vida, a (in)diferença, a segregação e a racialização, e resistem aos modelos dominantes social e historicamente constituídos em torno da juventude popular urbana (Takeiti; Vicentin, 2019, p. 259).

Por tudo isso, podemos notar que diferentes autores convergem no entendimento do conceito de periferia, como a relação centro-periferia, ou seja, a distância geográfica que ela tem em relação aos centros urbanos e, comumente, marcada pela pobreza e desigualdade. Ponderam ainda que o termo foi tendo seus sentidos reconstruídos pela ação da própria população periférica, que passa, sobretudo por meio da arte, a valorizar as experiências periféricas e as subjetividades que por meio delas são construídas, inclusive da juventude, tão marginalizada e marcada de estereótipos ao qual a grande mídia corrobora para construção e sustentação, que entenderemos no próximo tópico.

2.3. Representações da juventude periférica pela grande mídia

Como já discutido nos tópicos anteriores, o papel da mídia enquanto construtora e modeladora da realidade através das representações que faz do mundo e seus atores é inegável. A periferia e o jovem periférico não escapam do crivo da mídia. Retomando a análise de Souza (2017), o autor enfatiza que a imagem que a grande mídia, por meio dos telejornais, por exemplo, faz da favela e do sujeito periférico é nociva e prejudicial, uma vez que retratam, de modo geral, o sujeito periférico como perigoso e violento (Souza, 2017, p. 19).

A imagem da favela que se emerge nas notícias é destrutiva e danosa, na medida em que, através da reafirmação, os telejornais, e parte do jornalismo da grande mídia brasileira materializam em diferentes formas, o imaginário social de que o sujeito periférico é incivil e violento. Essa abordagem torna concreta a realidade do momento em que a notícia é transmitida, o que é possível devido às construções anteriores a respeito da periferia brasileira (Souza, 2017, p. 19).

Esse retrato estereotipado da mídia perpassa desde a periferia como um todo, até o recorte da juventude periférica. Silva, em seu artigo *A Juventude na Mídia Brasileira: estereótipos e exclusão*, inicia a discussão sobre a relação entre mídia e juventude periférica lançando luz sobre a mídia, de modo geral, ao retratar minorias de maneira estereotipada, ação na qual o autor destaca que negros, movimentos sociais, mulheres e homossexuais são vítimas de um jornalismo preconceituoso, e que com a juventude periférica não é diferente (Silva, 2008).

Ainda segundo análise de Silva, o que mais vemos na mídia é a estigmatização da juventude, especialmente pobres e moradores da periferia, em posição de criminosos, agentes da violência e da incivilidade. O autor destaca o papel das páginas e programas policiais na construção dessa representação do jovem periférico, observando que “a mídia é, em grande parte, a responsável pelo estereótipo do jovem pobre, negro e consequentemente, criminoso. É como se a esse jovem fosse vetado o direito de produzir outra coisa que não violência” (Silva, 2008, p. 9).

De tal modo, Ferreira (2018) converge com Silva (2008) no que tange o papel do jornalismo policial enquanto aparelho ideológico de (re)produção e disseminação de discursos e representações que reforcem preconceitos e estereótipos. Para Ferreira, a pobreza e o “não-sucesso” da juventude periférica consistem na matéria prima dos programas policiais no Brasil (Ferreira, 2018). Para o autor, a mídia de massa vincula a imagem do jovem periférico a uma conduta de desvio, e o demarca enquanto grupo social moralmente inferior.

A mídia de massa apresenta o desvio enquanto conduta vinculada à juventude periférica e expõe os sinais de sociabilidade dessa juventude enquanto símbolos do desvio, valendo-se do espaço midiático para reforçar a moral dos grupos estabelecidos. Sob a perspectiva da moralização, os programas policiais difundem, para a sua ampla audiência, os modos de vida da juventude periférica: estética, lugares de sociabilidade, uso dos corpos e linguagem; inserem no horizonte subjetivo dos espectadores a demarcação de um grupo social. (Ferreira, 2018, p. 88)

Brito et. al. (2016) reforçam a representação preconceituosa da grande mídia referente à juventude periférica ao lançar luz no contraste de classe. Os autores afirmam que os jovens de camadas mais baixas ou populares estão constantemente nas matérias de cunho policial, enquanto os jovens das classes mais altas figuram em espaços mais amenos, como editorias de cultura e lazer dos jornais (Brito et. al., 2016).

Os mesmos autores recorrem ao conceito de violência simbólica, elaborado por Bourdieu, que se refere a uma forma de coerção e controle social que opera por meio de símbolos, crenças, normas e valores presentes na cultura. Ela se estabelece quando a desigualdade de

poder é internalizada pelos indivíduos. Esta violência é sutil e está enraizada em práticas cotidianas, instituições – como a grande mídia – e discursos que reforçam desigualdades, como a representação da juventude periférica (Brito et. al., 2016).

Os enunciados da mídia atuam como agentes criadores de uma imagem da juventude de periferia que, como representação de um tipo de violência simbólica, acarreta efeitos sociais, que vão desde a estigmatização dessa juventude até à legitimação e naturalização de atos de violência contra essa parcela da população. Piveta (2018) aponta para uma hierarquização social das vidas, ao destacar que a juventude pobre e periférica se torna uma vida considerada banal e indigna, merecedora de violência.

De acordo com as estatísticas apresentadas, homens jovens negros e pobres têm sido os principais alvos dessa prática. Tal fato demonstra que essa violência não é aleatória, mas pautada por uma série de preconceitos e estigmatizações perpetuadas histórica e socialmente e que se produzem, inclusive, a partir dos enunciados midiáticos presentes nos mais diversos meios de comunicação: jornalismo, telenovelas, blogs e sites (Piveta, 2018, p. 129).

Notamos que a imagem comumente apresentada pela grande mídia a respeito da juventude periférica é uma representação estereotipada, marcada pelo estigma da violência e incivilidade, e que a análise compartilhada de diversos autores aqui mencionados é que o retrato da juventude periférica segue uma orientação ideológica que defende o atual estado das coisas, e isso impede a consideração de outras problemáticas relevantes para grupos sociais marginalizados, além daquelas relacionadas à violência.

Considerações Finais

A revisão bibliográfica aqui apresentada permitiu uma visão mais conceituada do termo periferia enquanto espaço geográfico, político e social. Notou-se que o termo carrega concepções que convergem entre os autores aqui postulados, como a relação centro-periferia enquanto distância geográfica, marcada geralmente pela pobreza e desigualdade social.

A partir disso, tratamos do conceito de grande mídia, ou mídia *mainstream*, enquanto um conjunto de instituições que, por meio de aparatos tecnológicos, realizam o processo de comunicação visando alcançar o mais amplo público, por meio de emissoras de rádio e TV, revistas, jornais e outras instituições midiáticas. Entendemos que essas instituições podem influenciar na construção de imagens, concepções e estigmas, mediante discursos e representações que é capaz de (re) produzir.

De tal modo, a juventude oriunda da periferia, chamada de juventude periférica, não escapa dos estigmas produzidos pela grande mídia. Ao contrário, a juventude, ao lado de grupos marginalizados e minorias, se estabelece como que marcados pela estereotipagem da mídia, que retrata essa juventude como grupos perigosos, agentes da violência e incivilidade. Tal retrato pode ser entendido como um ato de violência simbólica, que ocasiona desde a estigmatização até a naturalização da violência contra esses jovens.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, F. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **OPINIÃO PÚBLICA, Campinas**, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 88-113. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-62762006000100004>>. Acesso em: 28 set. 2023.
- BERTELLI, G. Errâncias racionais: a periferia, o RAP e a política. **Sociologias**, n. 31, p. 214-237, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/4W4GXXnwGYDFVY6tSMV8gIj/?lang=pt>>. Acesso em: 8 jun. 2023.
- BRITO, R. Jovem de “periferia” como o outro na mídia: assimetrias e leituras dissonantes. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 15, n. 29, 16 jul. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/17880/pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- CORRÊA, R. A periferia urbana. **Geosul**, v. 1, n. 2, p. 70-78, 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/12551/11859>. Acesso em: 22 maio 2023.
- D’ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos - CEBRAP**, v. 39, n. 1, p. 19-36, abr. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/?lang=pt#>>. Acesso em: 8 abr. 2023.
- FERREIRA, H. “Eu sou môfi”: juventude periférica, indústria cultural e luta por reconhecimento. Universidade Federal da Paraíba. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25515>>. Acesso em: 8 jun. 2023.
- GIL, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 1 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987.
- GREGOLIN, M. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 4, n. 11, p. 11-25, 2008. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/105>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- GUIMARAES, E. Juventude(s) e periferia(s) urbanas. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 1997, n.05-06, pp.199-208. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S141324781997000200016&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 8 jun. 2023.
- KOURY, M. Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. **Revista Sociedade e Estado**, v. 26, n. 3, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/9sj3bPcqG9jstWM6kYLVxVM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 8 jun 2023.

LIMA, A. Sete teses sobre a relação mídia e política. **Revista USP**. São Paulo, n.61, mar./maio 2004, p. 48-57. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13317/15135/16290>. Acesso em 18 jul. 2023.

MORESI, E. Metodologia da pesquisa. **Brasília: Universidade Católica de Brasília**, v. 108, n. 24, p. 5, 2003. Disponível em: <https://11nq.com/CuNXW>. Acesso em: 8 jun. 2023.

PIVETA, R.; CARVALHAES, F. O extermínio da juventude da periferia sob o olhar da mídia. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANA – SEPECH, 11., 2016, Londrina. **Anais eletrônicos**. Londrina, 2016. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt2_275.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2023.

PIVETA, R. **Enunciados da mídia sobre mortes de jovens da periferia: uma análise a partir do jornalismo impresso**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152844>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

PIZZANI, L. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28>. Acesso em 15 maio 2023.

SANTOS, M. **Pobreza urbana**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-605189>>. Acesso em: 8 jun 2023.

SILVA, F. A juventude na mídia brasileira: estereótipos e exclusão. **Anagrama**, v.1, n. 4, p.1-10, jun-ago 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35327/38047>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

SOUZA, L. **A periferia na grande mídia brasileira: uma análise discursiva**. 2017. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Narrativas Visuais) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/19769>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

STUCKER, A. **A periferia nos seriados televisivos Cidade dos Homens e Antonia**. 2009. Tese de Doutorado em Comunicação - Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-30112010-151855/en.php>. Acesso em: 8 jun. 2023.